II Série—Ano I—N.º 17
Sábado, 8 de Maio de 1948
DIRECTOR E EDITOR:
A. J. MENDES (CEREJO)
CHEFE DA REDACÇÃO:
MANUEL ALPIARÇA
PREÇO 1$00
Redacção e Administração:
R. Gomes Freire, 30-2.º-Lisboa
Telefone 43 168

O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

MORAL E CIVILIZAÇÃO

Foi com os olhos postos no problema do mal, moral e físico, e com uma vontade forte de tornar esse problema menos grave, quanto nos fosse possível, que lançámos a público este semanário.

O mal físico tem como principais manifestações as que os antigos resumiam na trilogia trágica: fome, peste e guerra. De cada um destes males devem tentar libertar a humanidade: — da fome, o trabalho e a economia; da peste, a ciência; da guerra, os chefes políticos responsáveis da vida das nações. Pensámos, assim, que, como trabalhadores e consumidores, teríamos uma palavra a dizer em relação ao combate ao mal físico relacionado com os capítulos trabalho e economia. Temos, por isso a certeza de que não metemos a foice em seara alheia quando, como nos foi possível, viemos agitar estes problemas.

O mal moral, pior do que o físico de que geralmente é causa, tem múltiplos aspectos e toda a gente pode e tem o dever de lhe mover combate.

Não interessa agora discutir, filosòficamente, em que consiste o mal, bastando assentar no princípio de que ele existe «de facto». Isto quer dizer que há na ordem das consciências e na ordem dos valores da vontade, normas que se desrespeitam, regras que não se cumprem, preceitos que se violam.

E um dos mais graves defeitos, em nosso parecer, da civilização actual, é exactamente não ter compendiado essas normas, esses preceitos, acompanhando a exposição das mesmas normas e preceitos por qualquer sistema de os fazer aceitar como regras de conduta a seguir por todos os cidadãos. Quero dizer: a civilização actual, que se diz herdeira da civilização cristã, tendo deixado de aceitar as próprias bases essenciais do cristianismo e escarnecendo os mandamentos de Moisés, não arranjou um decálogo novo que servisse de guia às consciências dos homens.

Não arranjou, nem pode arranjar, porque não conseguiria justificá-lo.

Vê-se, assim, por toda a parte, o contrasenso de se chamar mal ao que se julga bem; chama-se mal porque era considerado mal no cristianismo e julga-se bem e faz-se como bom porque se não aceita o critério cristão.

A nossa civilização afastou-se dos princípios cristãos e pensou-se que iria bem.

(Continua na 8.ª página)

EDUCAÇÃO E HABITAÇÃO

DOIS PROBLEMAS INSEPARÁVEIS

A vida das crianças não pode passar-se dia e noite e sempre dentro de casa, e muito menos quando a casa é acanhada, escura ou anti-higiénica. Não pode também, a criança, ser abandonada na rua.

Afirmámos, no número de 1 do corrente, que «as grandes cidades foram construídas sem se ter em consideração as necessidades imperiosas da vida das crianças». Já depois de impresso o referido número de «O Trabalhador», veio-nos à mão o «Jornal do Comércio», de 24 de Abril passado, onde uma exposição detalhada do que o autor considerou uma forma transitória de resolver os problemas referentes à habitação, se concluía assim:

«Julga-se oportuno, ainda, que as novas construções de características populares a promover sob patrocínio do Estado, sobretudo em Lisboa e Porto, se aproximem do tipo de grandes blocos que em todas as grandes cidades civilizadas têm eficazmente servido os desígnios dos governantes e as aspirações dos governados em matéria de habitação. Esses blocos, com 100 e 200 habitações familiares, constituiriam unidades completas sob o ponto de vista urbanístico e social, dispondo de grandes jardins centrais — e não jardinetes minúsculos e insignificantes como estão a fazer-se em Lisboa — escola, igreja, restaurante económico, serviços médicos e assistenciais, etc. Sobretudo nas zonas novas da cintura de industrialização em Lisboa e Porto seria essa a solução económica e socialmente mais eficaz, como se tem verificado nos mais adiantados centros populacionais do estrangeiro».

Há muito que perfilhamos pessoalmente esta mesma opinião que é afinal a que a experiência aconselhou a praticar naqueles centros estrangeiros, onde primeiro do que aqui se cuidou a sério destas questões. Entre nós, quando o Governo do país encarou pela primeira vez o problema da habitação operária, foi guiado por um critério diferente, que teòricamente e sob certo aspecto era sem dúvida o melhor.

O acesso à propriedade particular plena da casa e do pequenino quintal, facilitada por um processo de aquisição suave, corresponderia sem dúvida a uma aspiração muito humana, aliás defendida pela doutrina social cristã. Pensaram muitos, sem razão, que só esta solução, ideal sob tal aspecto, era digna de se pôr em execução, e daí o tentar escarnecer-se a construção de residências operárias em bloco, na cidade do Porto, alcunhando-se de bloco Karl Marx a obra importante, levada a efeito sob a orientação do prof. Mendes Correia.

O sistema de habitação isolada, de residência «vivenda» à maneira burguesa, pela elevada superfície de terreno que ocupa e pela distância a que teria de fazer-se dos centros citadinos, na caso de se construir em quantidade suficiente para satisfazer todas as necessidades habitacionais, não é positivamente a mais económica, nem sob o ponto de vista da construção, nem sob o ponto de vista dos transportes.

Tal sistema tende a ser um sistema de aproveitamento limitado e para um reduzido número de beneficiários. É isso, aliás, o que se depreende da afirmação feita há poucos meses por uma entidade nacional da mais elevada categoria, que declarou em certa inauguração que com a construção de bairros económicos se não pretendia resolver o problema da habitação.

Pelo contrário, a construção de blocos, nos termos do artigo a que aludimos traria ao problema da habitação operária uma solução possível, e económica e socialmente aconselhável. Não conduz o operário à posse particular perfeita da própria casa, mas dá-lhe em compensação a possibilidade de se alojar em habitações baratas e higiénicas e reunindo todos os requisitos necessários à vida doméstica, ao convívio a fomentar entre vizinhos, à utilização económica de certos serviços e à educação e recreio das crianças. Oxalá que de futuro se caminhe neste sentido para que possamos ver suficientemente generalizados os benefícios das construções destinadas às classes trabalhadoras.

SE PORTUGAL FOSSE EM MIRANDELA!!!

Transcrevemos do «Diário de Lisboa», com a devida vénia, a seguinte local:

«Um velho e dedicado amigo» que nos escreve de Mirandela, manda-nos alguns judiciosos comentários a respeito das condições do nosso abastecimento. Recortamos estas informações e opiniões que não deixarão de merecer ponderação:

«Na praça do mercado de Mirandela, encontram-se centenas de sacos de batatas que ali ficam de feira para feira e de mercado para mercado, porque não têm venda. Esta batata está ao ar livre, exposta ao tempo, visto que a praça é descoberta.

A batata nova está aqui a 70 e 80 centavos, com tendências para baixar. Os batatais, as searas (centeio, trigo e outros cereais) estão magníficos, salvos, completamente salvos, visto que daqui a poucos dias já são ceifados. Os lavradores não têm onde guardar a cevada, as batatas, e os feijões de todas as qualidades, o grão de bico e outros géneros e não há quem lhos tire de casa. Quanto ao azeite, não se gastam nem vinte por cento das quantidades previstas.

Por tudo isto reina o maior desânimo entre os produtores de géneros agrícolas, visto não haver quem lhes compre os géneros, e tudo o que os lavradores compram está caro. Para eles, entretanto, só baixaram os produtos de lavoura.

Estamos à porta das futuras colheitas, e tão grandes elas devem ser que ninguém sabe onde as há-de guardar».

Desagradável para muitos, mas grata à maioria, não quisemos deixar de dar esta notícia a conhecer aos leitores que a não tenham lido no «Diário de Lisboa» de 3 do corrente.

Comentários não vale a pena fazer muitos. O primeiro já está feito no título desta local. Bom seria que em todo o país se repetisse o caso de Mirandela.

As batatas, por cá, estão mais caras 100 % e o pão de trigo, além de não ser ainda o pão alvo de outro tempo, custou-nos o melhor de alguns milhares de contos que saíram do país, diminuindo a riqueza da Nação. Quanto à queixa do lavrador, de que só é barato o que ele vende e tudo o mais é caro, talvez tenha razão o «amigo do «Diário de Lisboa»... mas tenha paciência, porque é desse mal que todos nos queixamos.

Os votos que fazemos são para que alastre por todo o país, embora em menor escala, a crise de «celeiros» que se manifestou em Mirandela e também para que os lavradores dessa nortenha e fronteiriça vila se não lembrem de que será mais remunerador — ainda que um tanto arriscado — levar para Espanha do que trazer para Lisboa ou para o Porto o excesso das suas privilegiadas produções.

© Todos os direitos reservados

UMA QUESTÃO CAPITAL

O PROBLEMA RURAL

IV

Se a construção de bairros rurais, como já tivemos ocasião de afirmar, é uma das exigências mais flagrantes dos pequenos aglomerados populacionais, como são as aldeias, imprescindível se torna estudar o processo mais prático de satisfazer essa exigência vital, ou seja, o processo prático e económico de proceder à sua edificação. Várias soluções poderiam, ao menos em princípio, ser propostas para o caso. Entre elas, podemos enumerar três: a) *a iniciativa particular;* b) *as cooperativas de habitação;* c) *a municipalização dos bairros.* Em princípio, como se disse, estas três soluções são admissíveis. Teòricamente, pode mesmo afirmar-se que, lançando mão de qualquer delas, o caso se resolverá com facilidade. Mas, na prática? Aqui o problema agrava-se. Toda a gente sabe que os colaboradores deste jornal, tendo como objectivo primacial da sua actividade bater-se pela realização da justiça social, não são em princípio, nem podiam sê-lo, contrários a qualquer iniciativa particular. Supô-lo seria um erro crasso, pois, afinal, o Estado nem pode tudo, nem deve fazer tudo. Esse facto, porém, não nos inibe de a repudiarmos para certos e determinados casos. Assim, em nosso entender, a construção dos bairros rurais, que flagrantemente se impõe, nunca será um facto, se pretendermos confiá-la à iniciativa particular. E isto, porquê? Porque o capital individual, dado o aburguesamento e egotismo daqueles que dele dispõem, é sempre orientado para grossos juros, ou seja, é aplicado, na maioria dos casos, em realizações donde se podem auferir abundantes lucros. Afirmação esta que não carece de prova, pois a experiência de cada dia que passa demonstra-o superabundantemente. Esse capital, portanto, uma vez que não será fácil desviá-lo para construções com pequena margem de lucro, como serão as dos bairros rurais, deverá, antes, ser investido em realizações industriais ou comerciais, controladas, é certo, que, criando novas riquezas para o país, tragam trabalho para muitos braços obrigados à ociosidade pelo desemprego e pão para muitos estômagos atrofiados pela fome. Restam-nos, pois, como soluções viáveis para o problema em questão, as cooperativas e a municipalização. As cooperativas de habitação são de tentar para o caso. No entanto, considerada a debilidade do nosso espírito associativo e tendências várias e velhas, com raízes, que ainda não conseguimos extirpar do nosso meio, há que recear bastante pelo seu resultado. A solução, para já mais adequada, afigura-se-nos ser, por isso, a da municipalização dos bairros.

Pode afirmar-se, embora não em sentido estrito, que o município está para o concelho, como o Estado está para a Nação. Ora, se há obras que, num país, só o Estado pode realizar com plena eficiência, também há obras, num concelho, que só o município pode levar a efeito com igual eficiência. Uma destas é, assim o cremos, a construção dos bairros rurais. Construção com aquelas características genéricas que, ao de leve, apontámos em artigo anterior (alinhamento, número de divisões suficiente, pequeno jardim fronteiriço, alojamentos para gados e objectos de lavoura, dispensário, creche, etc...) e construção feita, claro está, uma vez que os municípios nunca ou raro dispõem de saldos avultados, com empréstimos amortizáveis a largo prazo, com o produto oriundo da renda módica e acessível dos habitantes desses mesmos bairros. Não nos parece, embora alguns sejam levados a pensá-lo, que uma tal medida redunde em medida anti-económica para o Município. Nem sempre o sacar sobre o futuro é uma aventura e um erro. Por vezes é até isso uma necessidade. Mas não digamos mais sobre o assunto, pois estes artigos que aqui vimos dando sobre o problema rural, não vão além de ligeiras notas que tentam apontar deficiências e sugerir soluções — deficiências que a outros compete remediar e soluções que aos mesmos incumbe pôr em prática. Por nós, limitamo-nos a um esforço sincero e independente de interpretação das necessidades mais urgentes do povo trabalhador dos campos, numa solidariedade de espírito e comunhão de vida que às vezes é um sofrimento e é sempre uma luta.

V. M.

Trabalhadores

«O TRABALHADOR» QUER SER CADA VEZ MAIS O VOSSO JORNAL. RESPONDEI TODOS AO NOSSO INQUÉRITO SOBRE O QUE PENSAIS DELE. SEGUI O EXEMPLO DOS MUITOS QUE JÁ NOS ENVIARAM AS SUAS RESPOSTAS!

COM AS VOSSAS CRÍTICAS E SUGESTÕES COLABORAI NA FEITURA DO SEMANÁRIO DO POVO!

NOTICIÁRIO DA SEMANA

DO PAÍS

O tempo chuvoso dos últimos dias, nalguns sítios fez estragos, não excessivos, noutros benefício bastante os campos.

— Terminou a «Semana das Colónias». Um dia foi especialmente dedicado às 533 mil crianças das 9.500 escolas de todo o país, a quem foram dirigidas palestras sobre o nosso Império ultramarino.

— A construção da ponte sobre o Tejo, em Vila Franca de Xira, foi já adjudicada por 120 mil contos e deve estar pronta no prazo de três anos.

— A Assembleia Nacional aprovou o aumento e actualização das rendas de casa convencionadas antes de 1 de Janeiro de 1943, elevando-as para a duodécima parte do respectivo valor colectável constante da matriz.

Esta actualização das rendas será feita a pouco e pouco e por aumentos semestrais iguais a 20 % da renda antes convencionada, até atingir o limite máximo. Se, porém, o duodécimo do rendimento colectável for superior a 120 % da renda actual, o total que houver de ser aumentado sê-lo-á apenas por seis vezes, embora o aumento semestral seja superior a 20 %.

— Vão ser reparadas estradas nos distritos de Castelo Branco e Setúbal, cuja despesa está orçada em 4.500 contos.

— Foi levantado o tabelamento de preços aos cafés coloniais, mas serão tomadas providências no sentido de evitar o agravamento na venda ao público.

— O preço e transporte de carvão vegetal são livres a partir de 1 de Junho; porém, qualquer especulação será reprimida devidamente.

— A freguesia do Samouco, concelho de Alcochete, já tem luz eléctrica, a cuja inauguração presidiu o sr. Ministro da Economia, acompanhado de outras entidades.

— No edifício do «Lar do Pescador», no Cais do Sodré, inaugurou-se há dias um refeitório destinado aos funcionários e pessoal marítimo dos Organismos da Pesca.

— Fixaram-se, pelo Ministério das Comunicações, as normas orientadoras da acção a exercer contra todos os condutores de automóveis que desrespeitem as leis estabelecidas.

— A Direcção dos Hospitais Civis de Lisboa informou as Câmaras Municipais de todo o País de que não tem espaço para acomodar mais doentes, sendo de admitir só os casos absolutamente urgentes.

— Os serviços de encomendas postais, em Lisboa, que se faziam na rua da Palma, funcionam agora no n.º 30 da Avenida de 24 de Julho.

— Realiza-se este ano, em Lisboa, nos dias 12 e 13 do corrente mês, a Conferência Internacional de Navegação Mercante.

DO ESTRANGEIRO

A imprensa francesa referiu-se, com relevo, à impotência da O. N. U. perante a luta na Palestina.

— Os árabes rejeitaram o pedido da Comissão de Tréguas da O.N.U., que apresentou novo plano para solucionar o caso.

— Diz-se ter cessado o fogo em Jafa, por comum acordo entre árabes e judeus.

— A Comissão de Tréguas da O. N. U. diz estar a agravar-se a situação.

—Reuniram-se na capital da Transjordânia os chefes dos Estados árabes, sob a presidência do rei Abdulá.

— O presidente do Conselho Árabe, Djemil Mardam, informou a imprensa de que os feitos dos Estados árabes garantirão dentro em breve a vitória da Palestina.

— Milhares de estudantes do Iraque alistaram-se voluntàriamente para combater na Terra Santa.

— Em Telavive foram mobilizadas todas as mulheres dos 17 aos 25 anos.

— O chefe do governo de Beirute declarou que «foi tomada uma decisão grave e que o caso da Palestina é uma questão de honra e de dignidade».

— Diz-se que várias forças árabes entraram na Palestina pela fronteira da Síria.

— O comissário inglês de Telavive avisou que se os judeus tomarem Jafa, as forças britânicas expulsá-los-ão da cidade.

— A América propõe uma curadoria para Jerusalém, a fim de que a cidade e seus habitantes sejam, em qualquer caso, salvaguardados e mantidos fora do conflito.

— Os ingleses enviaram reforços de tropas, o que causou grande surpresa nos meios judaicos.

— A França propôs, na sessão do Conselho de Tutela, o recrutamento de uma força simbólica de polícia de mil homens para proteger os Lugares santos, para o que obteve a cooperação da Suprema Comissão Árabe e da Agência Judaica.

— Foi assassinado em Atenas, por um comunista, o ministro da Justiça grego, depois do que foi proclamada a lei marcial.

O Director da Repartição Política disse que recebeu aviso de um «comunista arrependido» a dizer-lhe que os comunistas premeditavam atentados contra o Presidente e os Ministros da Ordem Pública e da Justiça.

— O Papa recebeu um grupo de jornalistas gregos, a quem falou do valor do povo helénico e da sua hora de sacrifício «feito de resistência e de heroísmo».

— Foi encerrada a fronteira da Jugoslávia com a Itália e Trieste.

— O Governo italiano vai dirigir um apelo aos «Quatro Grandes» pedindo que se realize um inquérito por uma comissão mista italiana-jugoslava dos incidentes que têm dado na fronteira entre os dois países.

— O jornal «Washington Post» informou que a Rússia não pode prestar auxílio aos comunistas italianos para um eventual recurso à violência.

— Os sete mil guerrilheiros italianos, que se encontravam nas montanhas, desistiram do seu intento, ao terem conhecimento da informação russa.

— Na reunião dos comandantes-adjuntos de Berlim, o brigadeiro inglês Benson atacou os russos vigorosamente.

— O general Clay declarou não haver motivos para alarme quanto à situação entre o Oriente e o Ocidente, na Alemanha.

— Os chefes militares da União Europeia Ocidental reuniram-se em Londres para estudarem os problemas de defesa comum, nos termos do Tratado de Bruxelas.

— O antigo ministro dos Estrangeiros britânico, Eden, disse que «a União Ocidental devia ser considerada como uma fortaleza para a organização mundial, que continuava a ser uma necessidade indispensável se nós quisermos desfrutar de uma verdadeira paz».

— A América está a deslocar grande número de tropas para o Alaska, através do Canadá.

— A aviação norte-americana vai estabelecer bases no Médio-Oriente.

— O jornal parisiense «Aube» diz que «a Europa livre está a organizar-se com calma e rapidez».

— Foi assinado, por um ano, um Tratado comercial franco-espanhol.

— O presidente Truman, ao falar aos congressistas do Congresso Nacional de Sanidade, disse que «estava convencido de que as descobertas feitas no domínio da energia atómica hão-de eliminar as duas principais doenças que afligem a humanidade: o cancro e as doenças do coração».

— Um aparelho da R. A. F., atingido em pleno voo por um raio, próximo de Avinhão, França, desfez-se com a violenta explosão.

TRIBUNA OPERÁRIA

NOTA: As opiniões expostas nesta secção, que queremos aberta a todos os operários, não implicam a responsabilidade da Redacção na orientação do jornal, mas apenas a dos seus signatários. É evidente que não publicaremos colaboração que se oponha essencialmente (repetimos: essencialmente) *aos nossos sentimentos cristãos, embora se possa opor à nossa opinião.*

Deus te abençoe, mulher

Vivia eu, sim, se aquilo era viver!, os meses mais tristes da minha existência. Como a tantos outros, a desgraça batera-me à porta e, desde então, senti, profundamente, o drama que se desenrola na alma de todo o doente, drama que passa despercebido, porque, quase sempre, nos armamos de calma resignação, calma, como o sopro suave e lento da morte que se aproxima. Eu era, então, mais um desses resignados, perante a impotência de suster a morte, na sua vontade de me libertar, a mim, que era jovem e amava a vida. Essa resignação durou, até que minha alma se enamorou, e as forças, não sei como, ou talvez saiba..., apareceram e a Vida sorriu-me, novamente, e sou feliz.

A saúde, e assim, a vida, é um precioso bem que só avaliamos, quando não o temos.

Fugi ao assunto, mas desculpai-me esta, que o é, enternecida homenagem a quem, para mim, é mais que a minha própria vida, e por que esta lhe devo.

Dizia eu, vivia, então, dias sombrios e, comigo, muitos outros doentes.

Passeava, certa vez, com um deles, junto ao muro da cerca, que dava para uma estrada. Ouvimos falar. Da parte de fora, sentados na vereda da estrada, encostados ao muro, estavam um cantoneiro e a mulher que lhe fora levar o comer. Aquele comia, sob o olhar terno e amigo da companheira. Nós, sem que nos víssem, contemplávamos aquele quadro rude, mas sublime, na sua franqueza e simplicidade.

Foi, assim, que ouvimos:

— Come, mulher, vá, faz-me companhia. Ouve lá, mas tu já comeste, já comeste, de verdade?

— Sim, comi, antes de vir. Come tu, anda, bem vês, que é pouca coisa.

— Uuh! Parece-me... Toma lá este bocado, anda, pega nele. Vocês são capazes de tudo, ou tu julgas que me enganas...!

A mulher fez-lhe a vontade, de olhos baixos, porque apanhada em falta. O marido sorria e ela, levantando os olhos para o «seu homem», sorriu por sua vez.

Por coincidência, o meu companheiro fora também cantoneiro, e virando-se para mim, enquanto prosseguíamos o caminho, disse «É como a minha. Quantas vezes a obrigo a comer, porque sabia, que o que havia, em casa, me trouxera. Ás mulheres, as mulheres!». Passou à minha frente, emudecendo, e eu respeitei aquele silêncio, porque vira a mão que se erqueu aos olhos.

As mulheres, sim, as mulheres, divinizados sóis, que espalhais, à vossa volta, tanto amor, tanta felicidade, que sois como que a graça de Deus na nossa vida de martírios, na vossa sublime missão de Esposa e Mãi, que a vós desça a benção de Deus!

DIAS NEVES

(Continua na 8.ª pág.)

«O MUNDO ACTUAL ESTÁ AMEAÇADO DE PERECER NA VIOLÊNCIA, PORQUE UM NÚMERO DEMASIADO GRANDE DE HOMENS NÃO TÊM CORAÇÃO».

(PIO XII, Maio de 1942)

Planalto

As técnicas do aviltamento e o aviltamento pela técnica

O filósofo francês Gabriel Marcel, a cuja estadia em Lisboa fizemos já referência nesta secção realizou no Teatro Nacional, sexta-feira da semana passada, uma notável conferência que muito impressionou os seus ouvintes. Poderá haver, aqui ou ali, quem se admire e ache «demasiado elevado» para um jornal dedicado ao povo trabalhador, fazer larga referência a uma conferência filosófica. Mas se nos lembrarmos do que é um filósofo e da repercussão que as ideias têm sobre a vida de todos nós (recordemos a influência das ideias de alguns homens sobre a sociedade dos nossos dias, Rousseau, Marx, por exemplo) veremos que existem muitas e boas razões para trazer até às colunas de um jornal operário um assunto de interesse para todos os homens. De facto, filósofo, é, segundo o significado histórico da palavra, «amigo da sabedoria», o homem que quer alcançar a sabedoria, e no seu esforço de pensamento para a atingir, põe os outros também em marcha em direcção a ela. E à sabedoria, homem algum deve ficar indiferente. Ela não consiste em saber muitas coisas, mas em saber bem o que se sabe em reconhecer o que se ignora, em bem ajuizar.

Este breve artigo não pode pretender dar uma ideia aproximada da conferência de Gabriel Marcel, apenas quer registar aqui algo dela, sabendo embora que só pode ser pálido resumo.

Começou o conferente por falar no que entende por técnicas de aviltamento. Técnica de aviltamento é um conjunto de processos destinados a fazer perder àquele contra quem são aplicados o respeito por si próprio. À primeira vista, pode não se ver logo o que querem estas palavras dizer, mas G. Marcel leu dois testemunhos referentes aos campos de concentração nazis, de que todos ouvimos falar. De facto, nesses campos, muitos dos prisioneiros, tratados como farrapos pelos guardas, acabaram por se considerarem a si próprios e aos seus companheiros como farrapos sem valor. A tortura, eis um exemplo de técnica de aviltamento, pois há nela a pretensão de quebrar no ser a quem é aplicada, todas as resistências, de o reduzir ao nada, e de o levar a sentir-se uma coisa abandonada, sem valor algum. Pode evidentemente objectar-se: os campos de concentração, a tortura, são raros no nosso mundo civilizado e a consciência deste condena-os. Mas há outras técnicas do aviltamento, que estão longe de serem raras no mundo actual: a propaganda, por exemplo. Aqui Gabriel Marcel referiu-se até ao caso de Goebbels, o ministro alemão da propaganda. Esta, como meio para meter na cabeça das pessoas, determinadas ideias, procurando que os homens se não demorem a reflectir sobre elas e a ajuizar delas segundo a sua consciência indicar, mas enchendo-os com certos princípios para os levar a agir de acordo com eles, como se enche um automóvel de gasolina, é também uma técnica de aviltamento, pois pretende tratar os homens sem ter em conta a sua humanidade e levá-los a agirem como seres não-humanos, e uma técnica de desumanização é também uma técnica de aviltamento.

Já repararam possìvelmente na constante relação entre a propaganda e a rádio, pois ela é um grande instrumento da propaganda. Quer isto dizer que a rádio é condenável? Evidentemente: não.

Mas esta referência à rádio vai-nos permitir vêr alguma coisa de mais profundo do que uma condenação das invenções da técnica, condenação que seria absurda. A rádio dá um grande poder ao homem: a voz deste pode ouvir-se em muitos e muitos pontos ao mesmo tempo. Para nós, o aparelho de telefonia banalizou-se de tal forma que não reparamos no que há de extraordinário em um homem ter esse poder, mas lembremo-nos disso e contemplemos agora como é grande o contraste entre as possibilidades dadas pelo instrumento técnico e a fraqueza espiritual da maioria dos homens de hoje. Eis-nos pois na 2.ª parte da conferência, e vamos ver o que se entende por aviltamento pela técnica. Homens espiritualmente desorientados, encontrando-se de posse de formidáveis instrumentos técnicos, tendem a considerar-se a si próprios e aos outros apenas como máquinas, e só lhes interesse em si e nos outros o rendimento que podem dar. Ora quando se perde o respeito pela liberdade, inteligência, consciência moral, pela humanidade do homem, e se trata este apenas como uma máquina, acaba-se por instituir os campos de concentração, como os tiveram os nazis, e os têm os russos. Vejamos o caso nazi: o indivíduo X não estava integrado nas ideias do partido, portanto, segundo este, era um indivíduo que socialmente não dava rendimento, logo tinha de ser eliminado.

Este culto pela máquina leva a querer mecanizar tudo e a chegar a aberrações tão grandes como a da fecundação artificial das mulheres, praticada já na Inglaterra.

Não devemos condescender com coisa alguma disto: se não reagirmos, a engrenagem apanhar-nos-á e aprisionar-nos-á também. Para reagir mostra-se necessário readquirir a consciência do laço que há entre o homem e a vida, do respeito que o homem deve ter pelas coisas, pelos animais, pelos outros, por si próprio, por tudo quanto existe. (Façamos aqui um parêntesis para lembrar que neste Planalto, seguindo Gabriel Marcel e outro pensador, citado por ele nesta conferência, Peter Wust, falámos já algumas vezes dessa veneração, desse laço de família entre o homem e tudo o que existe). À esse laço chama-se *piedade*, e de acordo com ela devemos estar diante da vida, das coisas e das pessoas, incluindo nós próprios, com a consciência de estarmos perante algo *sagrado*. Perante a trágica cena do mundo de hoje, com as suas misérias, com as suas técnicas do aviltamento, com o seu aviltamento pela técnica, não podemos cruzar os braços e deixar correr. Todos temos neste estado de coisas a nossa parte de responsabilidade.

Na carta escrita por Peter Wust aos seus alunos, quando estava doente, poucos meses antes de morrer, recorda-se uma frase de S. Agostinho: «ordenaste, pois, ó Deus, que o espírito desordenado fosse para si o seu próprio castigo»; ora, acrescenta Gabriel Marcel, a alma desordenada pode voltar à ordem se acreditar na Graça, no poder do espírito.

Nesta reordenação pode haver procedimentos úteis (Gabriel Marcel cita por exemplo a descentralização das oficinas) mas o essencial é a recuperação do sentido do «sagrado» e para esta resacralização do mundo a acção mais eficiente será a de cada um de nós na sua esfera, no seu meio, nas pequenas comunidades de que faz parte. Trabalho humilde, silencioso, mas tudo quanto se faz humildemente, silenciosamente, sèriamente, tem uma enorme repercussão, repercussão não evidentemente da mesma natureza que o rendimento de uma máquina, mas de ordem muito e muito superior.

Não quis o pensador francês deixar de se referir a que encontrara nos portugueses um reconhecimento e respeito dos valores humanos já raros noutros países, e que assim o nosso país era chamado a colaborar nesta resacralização do mundo. Assim corresponderia à grande graça de Fátima.

Para terminar, Gabriel Marcel, referiu-se a uma possível objecção: a catástrofe está iminente e a acção que nos propõe leva tempo; sim, mas toda esta acção supõe a esperança: e o sacrifício dos que com a morte dão testemunho do seu ideal, nunca foi nem será vão.

C.

Toda a correspondência deve ser dirigida à nova sede dos nossos escritórios: RUA DE GOMES FREIRE, 30, 2.º LISBOA

FORUM ARQUIVO DE DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADE
Todos os direitos reservados

PÁGINA DESPORTIVA

COISAS DO FUTEBOL

Por ALBERTO VALENTE

O ARSENAL DE LONDRES

É BOM DE MAIS PARA MEDIR FORÇAS CONNOSCO!

Na segunda-feira passada, na relva magnífica do nosso Estádio do Vale do Jamor, recebemos oportuna e inestimável lição dos Mestres ingleses do Arsenal de Londres.

Aquilo — siml... Aquilo é jogar futebol.

— Que disciplina!

— Que apuro técnico individual!

—Que movimentação perfeita duma equipa!!! ...E que «facilidade» aparente...

Aqueles onze jogadores londrinos, misturados, aliás, com os esforçados jogadores do Benfica — ombro a ombro, lado a lado, frente a frente, deram-nos, porém, a sensação de se terem conservado durante os 90 minutos a uma distância enorme que temos de percorrer para atingir o «apuro» daquelas autênticas máquinas humanas de bem jogar a bola.

O resultado numérico do encontro, que ficará para a História, foi um 4-0 a favor dos visitantes. Mas manda a verdade dizer que se eles «carregassem» um pouco mais no prego do acelerador!!!...

Melhor será, no entanto, esquecer o ponto triste da questão... E que na lembrança daqueles milhares de assistentes perdure somente a série infinda de valiosos pormenores que os profissionais da I Liga Inglesa ofereceram ao público português.

Disciplina absoluta.

«Execução» primorosa, tècnicamente falando.

Conjunto harmonioso e sem falhas, realçando um estudo táctico paciente.

Estes são os factos, que convém reter — para serem imitados tanto quanto possível.

O resto (...a nossa evidente inferioridade) não conta, nem deve ser demasiadamente aquilatada. Não vale a pena — porque só serviria para gerar desânimos.

Pelo que nos diz respeito, tentaremos guardar os ensinamentos colhidos, fixando no espírito as subtilezas daquele espectáculo. E isto porque se fôssemos mais além — caminhando na senda do pèssimismo, nem coragem teríamos a este ensejo para fornecer aos leitores as notas relativas aos sucessos «oficiais» da jornada última, em que o futebol português deu mais um ar da sua... desgraça técnica!

Cumpramos, pois, a nossa obrigação — contentando-nos com a «prata da casa».

Ronda incompleta

Por causa do desafio de segunda-feira, a que atrás aludimos, não se efectuou no domingo o encontro Estoril-Benfica.

Dos restantes seis desafios, há que salientar a vitória do F. C. do Porto sobre o Lusitano, em Vila Real de Santo António. Os algarvios foram derrotados pela segunda vez no seu campo — e os portuenses, mercê do resultadó do jogo em Elvas, quinda-ram-se isolados ao terceiro posto da classificação geral.

Os «azuis» de Belém vão de mal a pior. Há cinco domingos consecutivos que não sabem o que é ganhar — e agora, de mais a mais às voltas com lesões de alguns homens, não podem já pensar em melhoria de posição. Este caso do Belenenses é uma das quedas mais verticais de que nos recordamos no Futebol Português — em tão curto espaço de tempo!

Os quatro últimos classificados foram vencidos «fora de casa».

— A Académica baqueou normalmente perante o «leader».

— O Sporting de Braga fez menos do que era lícito esperar-se no desafio com o Boavista.

— O Vitória de Setúbal foi infeliz na Tapadinha, onde jogou o bastante para não perder por 0-3.

— E o Olhanense baixou bandeira em Guimarães.

A dúvida sobre os postos mais atrazados mantém-se portanto. Mas é provável que a tarde de amanhã nos traga algumas novidades, especialmente no respeitante ao duelo que se vai travar na capital do Minho... sem esquecer também o jogo do Campo dos Arcos.

Acabou a primeira volta

Na II Divisão, continua a dar cartas o Sporting da Covilhã. A primeira volta já terminou — com os «leões da Serra» à cabeça do rol... sem derrotas, e com um desafio apenas disputado no seu campo. Depois duma vitória sobre o Cuf do Barreiro e dum empate conquistado em Famalicão, foi no domingo «arrancar» novo empate contra o Barreirense.

Realmente — esplêndido!

O Famalicão alcançou, por fim, o seu primeiro triunfo na Poule Final.

Temos, pois, ao acabar a primeira volta esta tábela de classificações:

	J.	V.	E.	D.	P.	B.
Sp. da Covilhã	3	1	2		4	7/4
Barreirense	3	1	1	1	3	6/3
Famalicão	3	1	1	1	3	4/7
Cuf do Barreiro	3	1		2	2	4/7

Amanhã terá início a segunda volta — com os jogos Cuf-Covilhã (no Barreiro) e Famalicão-Barreirense (em Famalicão).

Os «Juniors» do Sporting ganharam

Na Tapadinha, às 11 horas da manhã, debaixo de chuva e sob a arbitragem do setubalense Cunha Pinto, o Sporting Clube de Portugal venceu a Associação Académica de Coimbra por 2-0 (um golo em cada meio-tempo), ganhando assim o Campeonato Nacional de «Juniores».

Assistia numeroso público — estando presentes várias entidades oficiais, entre as quais se destacava o Ministro da Educação Nacional.

Os «leões», com este resultado, são pela segunda vez Campeões de Portugal da categoria. E os estudantes conimbricenses averbaram segunda presença na «final».

...Pode ser que às três... seja de vez!!!

A preliminar da «taça» continua

Realizaram-se as «segundas mãos» das finais correspondentes aos quatro Grupos, tendo ficado aprovados os seguintes clubes:

No Grupo A — o Oliveirense, que venceu o Vianense por 5-0 e 5-1;

No Grupo C — os Onze Unidos do Montijo, que eliminaram o Oriental por 0-2 e 3-0;

No Grupo D — onde o Atlético de Moura resolveu a questão a seu favor, sobre o Boa Esperança de Portimão, por 2-2 e 3-0.

Quanto ao *Grupo B*, o Naval da Figueira da Foz e os «Leões» de Santarém ficaram empatados por 2-0 e 0-2, havendo necessidade dum desafio decisivo.

Na *Repescagem* dos Grupos não representados na Final da III Divisão, classificaram-se o Sporting de Espinho (que venceu o Fafe por 3-3 e 3-0), e o Desportivo de Faro (que derrotou o Estrela Portalegrense por 1-1 e 2-1).

Os Infantis em acção

Por iniciativa louvável do Belenenses, começou no campo das Salésias um interessante torneio entre «miúdos» dos 14 aos 16 anos, para disputa da magnífica Taça oferecida pelo senhor Ministro da Argentina.

No domingo, registaram-se os resultados seguintes:

Oriental-Estoril, 2-1.
Belenenses-Barreirense, 2-2.
Atlético-Cuf, 4-1.
Casa Pia-Sacavenense, 3-0.

O Torneio é numa só volta, em «poule», e todos os jogos se efectuam na relva das Salésias, com a duração de 40 minutos, divididos em duas partes iguais.

O programa de amanhã é:

às 9,30 horas — Cuf-Sacavenense;
às 10,30 — Barreirense-Atlético;
às 11,30 — Belenenses-Estoril;
às 12,30 — Casa Pia-Oriental.

... E os populares tambem

O Campeonato que o bi-semanário desportivo «A Bola» em hora feliz resolveu organizar, começou no domingo passado.

Quarenta e quatro equipas, agrupadas em cinco séries, estão inscritas — depois de se terem legalizado perante a Direcção Geral dos Desportos.

O entusiasmo é enorme... e oxalá não esfrie — para bem do Futebol português.

Destes seiscentos jogadores é naturalíssimo que surjam algumas «estrelas» de primeira grandeza... que estão a fazer muita falta!

Em ocasião oportuna, isto é, mais lá para diante — forneceremos classificações e notas interessantes.

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

Por JOSÉ ILHARCO

Joga-se hoje no Porto o VI Norte-Sul de Oquei em Patins

Com lotação esgotada há mais de três semanas, o Palácio de Cristal vai logo à noite ser teatro de uma pugna de Oquei em patins — cuja realização despertou extraordinário interesse entre os desportistas nortenhos.

Nunca um encontro Norte-Sul se rodeou de tanta expectativa — e a razão compreende-se.

A selecção de Lisboa é, nada mais nada menos, que a equipa campeã do mundo. O público portuense, hospitaleiro e patriota, quer prestar homenagem ao memorável feito dos portuenses — e nada melhor, com efeito, para testemunhar esse apreço, do que ver os valorosos campeões em acção.

Com a equipa do Sul deslocam-se os júniores da Capital, que pela primeira vez vão defrontar os juvenis jogadores do Porto, e as patinadoras portuguesas Edite Cruz, Maria Antónia e Vila Pedroso.

Filho de Ciclista...

José Maria Nicolau, nome grande do desporto nacional, foi o mais popular ciclista de todos os tempos. Ainda hoje se recordam, com saudade, as suas façanhas, da narração das quais não pode também excluir-se o nome do pequeno ciclista da Bairrada — Alfredo Trindade.

Pois o «gigante da estrada» voltou a estar presente no espírito dos adeptos do ciclismo — através da estreia auspiciosa de seu filho Eduardo, que, numa prova de «iniciados», domingo efectuada, chegou em primeiro lugar, revelando extraordinárias faculdades para o desporto do pedal.

Com 15 anos apenas — tudo leva a crer que em breve surgirá nas estradas portuguesas novo e legítimo «Nicolau», que, como seu pai, envergará a camisola rubra do Benfica.

— Alberto Coelho, do Benfica, ao cabo de três provas que contavam para o campeonato regional de «amadores-seniores», conquistou galhardamente o título de campeão de Lisboa.

O Montpellier em Lisboa

Durante esta semana, efectuou-se no Pavilhão dos Desportos um torneio internacional de Voleibol, promovido pelo Instituto Superior Técnico e ao qual deram o seu concurso as equipas da Faculdade de Letras, Económicas e Financeiras, o organizador, campeão de Portugal, e o Montpellier Université Clube, campeão absoluto da França.

Mais uma bela jornada internacional — e é quanto basta para nos regozijarmos.

Como é óbvio, não nos podemos hoje referir ao acontecimento, em pormenor. Fa-lo-emos no próximo número.

700 campistas nas Caldas da Rainha

Simultâneamente com o Congresso Nacional de Campismo, realizou-se nas Caldas da Rainha, nos dias 1, 2 e 3 do corrente, o Primeiro Acampamento Nacional.

Apesar do mau tempo que se fez sentir — a grandiosa reunião dos campistas portugueses redundou em prometedor êxito. Nada menos que 700 praticantes do salutar campismo estiveram bivacados na mata do parque da Rainha D. Leonor, em ambiente magnífico e rodeados duma organização impecável.

O Remo nos Jogos Olímpicos

Quem, como nós, chegou a manifestar o receio de não ver Portugal representado nos Jogos Olímpicos de Londres — não passava dum «má-língua»...

A verdade é que o nosso País se prepara (e ainda há muito tempo...) para estar presente no «Congresso Vivo do Desporto Mundial».

O Remo, por exemplo, começou as suas provas de preparação olímpica, com regatas em Lisboa, Porto e Figueira da Foz.

O mau tempo, porém, prejudicou estes primeiros «tests» de preparação — mas isso não faz ao caso.

Há ainda muito tempo!

Está formada a Selecção Nacional de Andebol

Depois do jogo-treino no domingo efectuado na capital do Norte, em que o F. C. do Porto bateu a provável equipa portuguesa por 5-4, o seleccionador nacional Acácio Rosa indicou os nomes dos jogadores que vão a França tomar parte no Campeonato Mundial, em representação do nosso País.

São eles: Délio (Belenenses) e Polieri (Benfica) — guarda-redes; Mira (Sporting) e Natividade (Belenenses) —defesas: Nunes (Sporting), Valério (Belenenses), Abílio (Ferroviários do Porto) e Macara (Belenenses) —médios; António Mário (Ferroviários do Porto), Campos (F. C. Porto), Montalvão (Estrela e Vigorosa), Fonseca (Vigorosa), Fabião (F. C. Porto) e Pimenta Saraiva (Sporting).

— O Oriental, no único jogo de 1.ºs categorias que se efectuou a contar para o Campeonato lisboeta de andebol, venceu o Glória por 3-1.

Em segundas, os Belenenses bateram o Benfica por 7-2.

Para o Campeonato de Juniores verificaram-se os seguintes resultados:

Sporting-Glória, 3-1; Oriental A - Oriental B, 2-0; Almada-Benfica, 2-1.

Vária

Terminado o Campeonato de Lisboa de Râquebi com a vitória do Benfica, principiou a disputar-se o torneio «Taça de Honra».

Na primeira jornada desta prova, o Benfica venceu o Sporting por 12-0.

— Começou esta semana a disputar-se no Estoril o Campeonato do Mundo de Tiro aos Pombos. Concorrem a este certame atiradores portugueses, argentinos, brasileiros, belgas, norte-americanos, espanhóis, egípcios, franceses, italianos, ingleses, húngaros e checoslovacos.

No próximo número referir-nos-emos mais de espaço a esta importante competição, para a qual estão instituídos prémios no valor... de uma pequena fortuna!

— Começou a disputar-se, no último domingo, o 24.º Campeonato de Lisboa de Oquei em Campo. Os resultados desta primeira jornada foram os seguintes:

Belenenses-Oquei de Portugal, 3-0; Benfica-Atlético, 1-1 (reservas 3-0).

O 3.º Portugal-Espanha em Basquetebol

forneceu preciosa lição

A equipa portuguesa de basquetebol saiu derrotada no 3.º encontro que travou com a turma nacional de Espanha.

Nada de extraordinário.

O Desporto é um jogo — e perder constitui uma coisa normalíssima.

E, quando, como agora, a superioridade do adversário se evidencia tão flagrantemente — só há que agradecer a lição, e aproveitar dela o máximo.

Todavia, a nós, que vimos o jogo, ficou-nos a ideia de que a equipa portuguesa, fosse qual fosse a formação apresentada, podia ter ido mais longe em demonstração de possibilidades. E não foi por evidente falta de *garra*.

Garra para responder à desconcertante velocidade dos espanhóis; garra para «travar» esse andamento, reconhecidas que foram as dificuldades, digamos impossibilidade, em acompanhar o ritmo dos nossos visitantes.

Houve um homem—que, em domínio de bola, nada fica a dever aos espanhóis—que tentou remar contra a maré, *parando* o jogo, para que o poder de encestamento dos adversários não se manifestasse com a exuberância que o resultado final (52-27) traduz com eloquência.

Esse homem foi César Cardoso.

Simplesmente — ele não foi compreendido, nem pelo público (que lhe *exigia* o passe imediato) nem pelos próprios companheiros ...Se é que nós não estamos também iludidos na intenção que julgamos descortinar no jogador portuense — por ser aquela que mais nos parecia conveniente às necessidades da equipa...

Mal os jogadores ensalaram, antes do encontro, alguns encestamentos... para aquecer — logo ficou pairando no Pavilhão dos Desportos a ideia da superioridade dos espanhóis — que realmente veio a manifestar-se, em todos os pormenores de jogo.

Sobre serem melhores valores individuais, os nossos visitantes, como equipa, deram uma autêntica lição.

(Continua na 6.ª página)

CARTA DE AMIGO

De um operário a outro operário

Nunca sabemos até onde chegamos na observação dos casos que prendem a nossa atenção e julgamos merecer o teu interesse.

Dentro, pois, do assunto das últimas duas cartas que apresentar-te hoje um «desiludido» da «farsa comunista» que, nos últimos tempos tem sofrido «fugas sensacionais».

Agora foi o «Pequeno Lenine» inglês (de que força não seria ele na sua actividade de propaganda comunista) como era conhecido, o jornalista Douglas Hide, chefe da Redacção do jornal comunista «Daily Worker», que se publica em Londres.

Desde há semanas que tínhamos conhecimento daquele facto por telegramas vindos na Imprensa. Porém, o sr. Eric Bulley, em «Carta de Londres» publicada no jornal «Novidades» refere-se ao assunto com o merecido desenvolvimento. E ficámos a saber que Douglas Hide foi um combatente acérrimo ao serviço do comunismo, a que estava ligado há 20 anos. As colunas do «Daily Worker» foram a sua mais famosa trincheira contra os princípios católicos, tendo provocado, há pouco, especial atenção um «feroz artigo» com aquele objectivo, bem como outros de ataque à América e ao Plano Marshall, aos trabalhistas e a Churchill.

Mas sem que alguém o esperasse, de repente abandona o «Daily Worker» e declara querer ingressar na fé católica a única, afirmou, que satisfaz as ansiedades do seu espírito.

O articulista diz, e todos nós calculamos, que o procedimento de Hide causou tanta sensação «como a queda de um raio!».

Sabia-se que ele estava candidato comunista aos Comuns. Nada, absolutamente nada, fazia prever aquele desfecho.

Mas oiçamos agora o esclarecimento do próprio Douglas Hide:

«Sobretudo o caso trágico da Checoslováquia acabou de fazer luz no meu espírito. Todo o sentido de liberdade pelo qual eu lutei durante tantos anos, caiu por terra, ferido de morte por esse hediondo golpe de celerados.

Não: o comunismo não era solução para os tremendos problemas que atormentam a humanidade. E a resposta plena à minha ansiedade torturante só a encontrei, total, no catolicismo que soube unir a Cristandade numa só fé e numa só cultura.

Concluí firmemente que só a firmeza, a luminosidade e a verdade da doutrina católica podem trazer ao mundo de hoje e de sempre a verdadeira paz e o integral respeito da pessoa humana.

Só por esta razão dei o meu passo. Pedi à Igreja Católica que me iluminasse e completasse a minha fé incipiente. Foi em Outubro passado. Seis semanas bastaram-me para ser instruído a fundo e ver totalmente claro.

A Igreja de Roma acolheu-me benignamente, caridosamente.

Hoje sou um filho submisso e «liberto» da Igreja de Cristo. Só quero viver e trabalhar para amar e servir a Verdade que durante tantos anos feri e insultei. E não serei, de certo, o último a entrar no caminho da verdadeira luz!

De outras fontes sabíamos que pouco tempo depois da sua decisão fizera baptizar os seus dois filhos, enquanto ele e sua esposa eram instruídos devida e necessàriamente.

Por que trazemos para aqui só este caso quando outros do mesmo género se têm dado últimamente, como o daquele graduado militante comunista norte-americano, também, não há muito, convertido ao catolicismo, e agora professor da Universidade Católica de Washington, que, como Douglas Hide, estava à frente da propaganda bolchevista pela Imprensa, ao mesmo tempo que ocupava outros lugares de importância na direcção do Partido? Preferimos aquele por ser o mais recente e estar a apaixonar a opinião pública da capital inglesa.

Se todos os comunistas de boa fé se dessem a observar com calma, preocupados apenas em conseguir resultados sinceros, a lógica da «verdade» soviética... teriam de chegar, forçosamente, à mesma conclusão de Douglas Hide e de quantos, acima da paixão que abraza o cérebro, mas não o queimou inteiramente ainda, e uma vez ou outra beneficia de uma visão salvadora, procuram acudir à fome de luz que agita os seus espíritos e os factos provocam.

O neo-convertido em questão fala em «ansiedade torturante» que só encontrou remédio (ele diz resposta plena, total) «no catolicismo que soube unir a Cristandade numa só fé e numa só cultura». Aqueles horizontes imensos de que te falei na última carta, que o estudo e a boa fé descobrem, estão aqui manifestados neste caso do antigo comunista inglês, hoje «homem novo» na «ressurreição» que o transformou.

O panorama das actividades de Moscovo, bem visível ao olhar e à consideração de todos, entusiasma, infelizmente, uns quantos preocupados em perturbar a estabilidade dos povos; mas, de quando em vez, os acontecimentos sacodem e acordam o coração de alguns que, ao despertarem da sonolência em que mergulharam durante mais ou menos tempo, percebem claramente aonde eram levados naquele «ferro e fogo» de destruição de todas as liberdades... inclusivè a deles próprios! É não raro é repetirem-se factos como o de Douglas Hide que em toda a parte causam a mesma sensação da queda de um raio...

O homem só se honra e dignifica deixando o erro que inferioriza e faz perder o sentido da sua existência.

Deixar a «raça de escravos» para tomar o rumo da «vida ampla e infinita», no dizer de um poeta, é ser livre e respirar no alto da Montanha o ar puro da Verdade.

É certo que «o ódio não perdoa», mas a avezinha ao desprender-se das grades da gaiola que lhe limitava os movimentos, esquece a tortura sofrida ao saber que todo o espaço é seu para voar e cantar...

Será necessário levar-te a concluíres comigo que «todo o que vence a treva tem um prémio de luz»?

E no dizer de D. Hide, não será ele o último a recebê-lo. Acreditamos, sem esforço.

PAULO DA CRUZ

BOLETIM MUNDIAL

A CRISE «TRABALHISTA»

Não vamos supor, pelo título deste artigo, que falar da «crise trabalhista», é, de alguma sorte, falar duma possibilidade de crise do «trabalhismo», ou, como quem diz, do abandono e da substituição das características «sociais» de que se revestiu a acção do Governo, na Grã-Bretanha, desde a subida do Sr. Atlee ao poder. Isto embora se note, um pouco por toda a parte no Mundo, certa reacção contra os «excessos» de um socialismo moderado, a que se mistura, seguramente, a esperança de se voltar àquele período «áureo» de um «liberalismo económico» que produziu himalaianas fortunas de «alguns» à custa de infinitas misérias de «muitos»!

Não é dessa «crise» que se trata, mesmo que haja quem a espere sequiosamente. Por agora trata-se de «crise» séria dentro do partido «trabalhista» britânico, confessadamente descoberta e reconhecida pelo Sr. Atlee, no seu último discurso.

São três as correntes que hoje se notam no Partido Trabalhista britânico, como de resto em quase todos os grandes partidos, tal qual sucede, por exemplo, com a Democracia italiana. Essas correntes são: a «conservadora», situada, como é óbvio, mais às direitas e não se desmanda de fazer certo namoro aos enunciados «sociais» do Sr. Churchill. A «central», em que se pode contar o grupo que detem o poder e mantém aquele equilíbrio de meio termo, que foi sempre a virtude máxima, desde que o homem é homem. E, por fim, a «esquerdista», ou «criptocomunista», como agora se diz, e é constituída por aquela aguerrida falange dos «quarenta» que, desde o início, por tudo e por nada, vêm zaragateando no meio da política inglesa, e que mereceu, agora, duros reparos do Chefe do Governo.

Apontam-se como manifestos sintomas dessa divisão e dessa crise os seguintes e mais próximos casos, vindos a lume e que, na verdade, são, pelo menos, de considerar no que respeita à falta de homogeneidade de pensamento e de acção e de falta de disciplina partidária, não naquele sentido férreo e de indiscutibilidade que é corrente e errado, mas naquele outro que nasce da liberdade e consciência da própria crítica e se resolve numa linha média de acordo e de conduta.

Em concreto quais são os factos apontados?

A parte «conservadora», mau grado a discordância e mesmo a oposição do Governo, foi, em massa, à reunião de Bruxelas, àquela mesma reunião provocada pelo Sr. Churchill, com o objectivo de conseguir a federação dos povos europeus, ou seja os sonhados Estados Unidos da Europa!

A feição «esquerdista», apesar de ter pleno conhecimento de que o Governo britânico, no que respeitava a uma atitude perante as eleições italianas — pois parece que todos os povos se achavam no direito de ter atitudes desde que essas eleições tiveram, por assim dizer, carácter «internacional», o que mais uma vez vem provar a «interdependência» da vida do mundo —, a facção «esquerdista», como iamos a dizer, sabendo que o Sr. Atlee apoiava o sector político do Sr. Saragat, resolveu manifestar-se pùblicamente, enviando ao Sr. Neni um telegrama, augurando-lhe e desejando-lhe uma retumbante vitória, que se não deu. Militam neste sector o Sr. Zilliacus e o antigo grupo dos «rebeldes» de Crossman, como os elementos de maior destaque e preponderância que não deixam de ter nas «Trade Unions» uma determinada influência. O apoio ao Partido de Unidade Socialista alemão, cuja origem é demasiado conhecida, também faz parte do programa da facção esquerdista do «Labour Party».

Será fácil de calcular a perturbação que vieram dar à política partidária britânica todas estas dissenções e correntes de opinião e acção adentro do mesmo partido, e nomeadamente à política do Governo, duplamente empenhada em salvar a Grã-Bretanha no plano de «recuperação europeia», como no prestígio mundial, e na consolidação dos princípios «sociais» que se impôs fazer vingar, justamente no país onde mais e melhor vigorou a «doutrina liberal».

Dir-se-ia, na própria turbação dos espíritos, estar cada qual a trabalhar, com vontade e decisão, para que o «trabalhismo» vá contando os dias que lhe faltam para ter que declarar que assim lhe é impossível governar.

É claro que ainda não está no prato da balança o tradicional bom-senso britânico, porque quando esse tomar o seu lugar, deve pesar na decisão acertada.

LUSITANUS

COMPRE E ASSINE O JORNAL «O TRABALHADOR»

SOOU A HORA DA CONSCIÊNCIA CRISTÃ

No domingo de Páscoa deste ano, o Sumo Pontífice Pio XII dirigiu ao povo de Roma uma impressionante alocução em que clamou: *«Soou a grande hora da consciência cristã».*

Quererá o Sumo Pontífice dizer que é necessário despertar as consciências e fazer com que elas procedam cristãmente? Certamente ninguém o duvidará.

A grande e fundamental culpa do grande escândalo de terem as massas operárias abandonado o cristianismo — pelo menos ostensivamente — não será precisamente daqueles cristãos que, apregoando-se adeptos duma doutrina de vida, se portaram e portam como se essa doutrina apenas se exteriorizasse em práticas de culto?

Vendo esta grande tragédia, não escreveu já Pio XII na *Quadragésimo Anno* que a culpa era desses cristãos falsificados e falsificadores?

Vale a pena recordar o que escreveu naquele documento o grande Pontífice:

«É muito para lamentar que houvesse em tempo e ainda haja quem, dizendo-se católico, não se lembre da sublime lei da justiça e da caridade que nos obriga não só a dar a cada um o que lhe pertence, mas também a socorrer os pobres, nossos irmãos, como ao próprio Jesus Cristo; quem não tema oprimir os operários por cobiça do sórdido lucro e; o que é mais grave, quem abusa da mesma religião para paliar as suas extorsões e defender-se contra as justíssimas reclamações dos operários. Por nossa parte não deixaremos nunca de censurar tal proceder; são eles os culpados de a Igreja se ver injustamente (mas com certa aparência de verdade) acusada de patrocinar a causa dos ricos, de não se compadecer das necessidades e angústias dos pobres, defraudados da sua parte de bem-estar nesta vida».

(A Igreja e a Questão Social, 3.ª edição pág. 184).

Foi esta falta de consciência cristã que levou, por toda a parte, ao grande equívoco. Para que ele acabe, é preciso despertá-la. Soou a grande hora, diz Pio XII!

E para que se não imaginasse que estas palavras se dirigiam apenas aos italianos, aproveitou o Santo Padre a entrega de credenciais do Embaixador do Brasil para declarar que elas se destinavam aos cristãos do mundo inteiro.

Dos jornais de dia 4 do corrente, copiamos, com efeito, o seguinte:

VATICANO, 3 — O Papa proferiu uma alocução, na audiência solene em que recebeu o novo embaixador do Brasil, declarando: «Os Nossos perseverantes e incessantes esforços para lançar os fundamentos morais, jurídicos, económicos e sociais de uma paz que corresponda à vontade de Deus e à dignidade do género humano, não são para Nós o resultado de considerações de ordem terrena ou de cálculos de natureza política».

Recordou as palavras que proferiu, no Domingo de Páscoa: «Soou a grande hora da consciência cristã», e esclareceu que «essa frase se não dirigia apenas, aos fieis de Roma e de Itália, mas a todo o Mundo católico, a todos os que a Nós se unem na defesa da civilização cristã e na fé em Deus, que é Pai de todos os homens, que protege o Bem e castiga o Mal».

Sua Santidade advertiu o povo brasileiro de que deve estar preparado «para resistir, com toda a energia, a qualquer invasão, clara ou disfarçada, daqueles que desejam destruir os valores cristãos e violar a liberdade de consciência humana».

Acrescentou: «Com vigilância e firmeza a nossa defesa deve ligar-se às doutrinas cristãos-sociais para assegurar às classes trabalhadoras, a realização das suas aspirações legítimas». — (F. P. R.).

A todos os que se dizem cristãos perguntamos: está a vossa vida, a vossa mentalidade de acordo com a doutrina que professais? Se não está, não quereis ouvir o apelo de Pio XII de que soou a hora de pôr de acordo uma coisa com outra?

Não é por considerações de ordem política que fazemos a pergunta.

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO EM FRANÇA

Frequentemente nos chegam notícias gratas sobre o trabalho de reconstrução que tem sido efectuado em França desde o fim da última guerra.

Certos sectores da indústria contam hoje com uma produção superior à de antes do conflito, os caminhos de ferro foram completamente restaurados e até mesmo a construção de prédios de habitação tem em muitas cidades atingido um nível suficiente para satisfazer as necessidades normais de habitações. Há porém municípios onde este último problema tem sido descurado. Um desses municípios é o de Chartres, segundo afirma o semanário «Monde Ouvrier», órgão do poderoso «Movimento Popular da Família», associação nacional de carácter social.

Esse jornal num dos seus últimos números chegados a Portugal, traz uma local subordinada ao título *«300 milhões para jardins e passeios e nada para os mal alojados»*, onde se lê:

«Chartres, cidade das riquezas turísticas, tem uma municipalidade que destinou 300 milhões para trabalhos de embelezamento e um serviço de alojamentos incapaz de arranjar casas, apesar de lá haver uma comissão prefeitoral de melhoramento da habitação, que deixa dormir nos cofres as somas pagas como imposto sobre casas insuficientemente ocupadas. Há também militares a residir nas casas da cidade enquanto os quartéis permanecem vazios. Os serviços administrativos funcionam em casas requisitadas enquanto os seus locatários vivem provisòriamente em barracas. Não é para admirar, por isso, que os sem-casa de Chartres se sintam cansados das bonitas promessas que lhes têm sido feitas e estejam decididos a exigir a resolução dos seus casos. O meio popular tem sofrido bastante as condições de vida que lhes têm sido impostas.

«Antes de plantar flores para prazer dos turistas e dos ociosos é preciso que os operários, suas mulheres e seus filhos saiam dos tugúrios onde habitam e sejam convenientemente alojados».

Desejamos ardentemente que dentro de pouco esteja resolvido o problema da habitação em Chartres, como, aliás, em toda a parte onde quer que o mesmo problema exista.

Porém, em relação a Chartres, uma coisa nos impressiona. É tratar-se da terra daqueles pedreiros e canteiros que fizeram a grande, a sublime catedral de que se orgulha essa velha cidade medieval e cujos descendentes se encontram sem abrigo no século da luz e do progresso.

RETALHOS...

OPINIÕES

* A justiça, quando tarda é injustiça.

* A justiça é a obrigação de respeitar os direitos dos nossos semelhantes.

* A justiça é a vontade firme de dar a cada um o que lhe pertence.

BAILES... E SÁBIOS

1. *Aristóteles*, principe dos filósofos gregos recomenda aos magistrados da nação que proíbam os bailes à juventude.

2. *Platão*, chamado pelos filósofos «o divino», preferiu incorrer no desagrado de Dionísio, o tirano, antes que tomar parte num baile da corte.

3. *Demóstenes*, o maior dos oradores gregos, para tornar odiosos os sequazes de Filipe da Macedónia, exprobou-lhes o haverem dançado.

4. *Salústio*, historiador romano, para esboçar o perfil duma mulher de costumes livres, escreveu que «dançava com mais primor do que convém».

PROVÉRBIOS

1. Quem semeia no caminho, cansa os bois e perde o tempinho.
2. O melão e a mulher são difíceis de conhecer.
3. Melhor é pão duro que figo maduro.
4. A mula com matadura, nem cevada nem fartura.
5. Ave que na água cria, sempre por ela pia.
6. De pele alheia, grande correia.
7. Cada ovelha com sua parelha.
8. Mais vale um dia de discreto, que toda a vida de néscio.
9. Bom lucro tira quem em cabeça alheia aprende.

DE BOM HUMOR...

O PATRÃO NÃO DEU OS BONS DIAS...

Há patrões que não dão os bons dias ao pessoal.

Mas há patrões que dão os bons dias: desejam assim, numa atitude, aliás louvável, mostrar a sua estima pelos que os servem.

O pior é se o patrão se esquece de dar os bons-dias, por qualquer motivo: uma noite mal passada ou mal dormida: má digestão; dispepsia; reumático; uma letra, das grandes, a vencer nesse dia; um negócio que foi por água abaixo; outro que lhe dá água pela barba; uma arrelia com a mulher; um cheque que lhe extorquiram; eu sei lá, mil e uma dessas coisas que sucedem aos patrões...

O pessoal estranha, mas passa adiante e fecha a porta do gabinete, ninguém mais pensa nisso.

Mas há um empregado, mais susceptível ou mais impressionável que interpretou mal o mutismo do «casaca».

Esta é uma história verídica que se passou, como todas as coisas verídicas, nos Estados Unidos da América do Norte.

Vimo-la contada num documentário de cinema e aqui a reproduzimos o mais fielmente que a memória no-lo permite.

O empregado — perdão! primeiro o patrão; — o patrão, era, por exemplo, Smith, o sr. Smith: e o empregado seria o sr. Jim, ou melhor o Jim.

Pois o sr. Smith, contra o seu costume, passou pelo escritório, a caminho do gabinete, e não deu os bons-dias. Ia vagaroso, pensativo, glacial, sorumbático, esmagando o sobrado como chumbo.

Jim, quando a porta do gabinete se fechou, olhou, perplexo, em redor, e viu a cara pândega e malévola dos empregados a entreolharem-se e sorrirem.

Começou a pensar que a frieza da passagem do sr. Smith o penetrava como uma ponta de gelo acerada: e, muito naturalmente, sentiu tremores nas mãos, no corpo e até na alma. «Aquilo era com ele. O trabalho passou a sair-lhe mal; mexia-se na secretária nervosamente, convencido de que o sr. Smith perdera toda a estima que nutria por ele.

Se eles até jogavam o ténis no mesmo clube e eram até excelentes parceiros.

De súbito, o sr. Smith chama-o ao gabinete. Com certeza, que ia despedi-lo, e todo o seu ser (do Jim) se alvoraçou.

Ficou branco que nem casca de ovo.

O sr. Smith encarregava-o de concluir determinado negócio, ditando-lhe para isso, um ofício que o Jim expediria pelo correio, registando pessoalmente a carta.

O Jim saiu mais atrapalhado ainda do que entrara.

O sr. Smith queria-o experimentar: era uma casca de laranja, para o Iim escorregar e ser despedido.

E foi nesse ambiente animico de preocupação e até mesmo terror, que o nosso Jim dactilografou o ofício, o sobrescritou e... o meteu no bolso.

Arrebanhou apressadamente o chapéu, saiu sem dizer água vai, ao chefe, e dirigiu-se ao correio.

No caminho encontrou um amigo a quem deu o alarme do despedimento.

Preocupado como ia, e como a hora do almoço se aproximava, encaminhou-se para casa, a pensar em escrever uma carta a despedir-se. Seria uma vergonha, ser despedido. Preferia tomar ele a iniciativa. E absorto, a matutar nos termos em que o faria, sucedeu-lhe — como a todos sucede — esquecer-se da carta do sr. Smith.

Entrou em casa sorumbático, também, pensativo, meditabundo, e muito naturalmente esqueceu-se de saudar a mulher e o filho. «Não era costumeiro».

Por isso ficaram ambos perplexos também.

Sentou-se à secretária, escreveu uma carta ao sr. Smith a dizer que o considerasse desligado do serviço: «Era insuportável aquela situação», terminava o Jim a carta.

Sobrescritou-a e entregou-a ao filho para que a pusesse no correio.

Ao almoço quase não comeu e não disse nem uma palavra, entretendo-se na leitura dum jornal para espairecer ideias.

A mulher e o filho entreolhavam-se às vezes, à sucapa, com olhares aflitivamente interrogadores e também pouco comeram aterrados com a perspectiva duma tempestade sem precedentes.

De tarde, como já não tinha emprego, foi para o clube para espairecer.

Qual não é o seu espanto quando dá de chapa com o sr. Smith. O espanto aumenta quando este, todo sorridente o convida para uma partida de ténis.

Só então se lembrou que ainda trazia no bolso a carta que o patrão tanto lhe recomendara.

Gaguejou uma desculpa, quando lhe deu a notícia do seu imperdoável esquecimento. «Agora sim é que ia ser despedido».

Amàvelmente, o sr. Smith lhe diz que fizera bem em ter-se esquecido. Reflectira e afinal chegara à conclusão de que o negócio não era viável.

«Fizeste bem, Jim», disse-lhe o sr. Smith batendo-lhe familiarmente, uma palmada nas costas.

O Jim não cabia em si de contente: afinal fervera em pouca água.

Mas espera, Jim; e a carta pedindo a demissão do lugar?

Perante a estupefacção do sr. Smith deita a correr como um doido.

Ocorrera-lhe uma ideia luminosa!

Entra em casa esbaforido, como um vendaval, depois dum trambulhão à entrada no triciclo do filho. Este foge aterrado, primeiro porque pôs o triciclo no caminho do pai, e primeiro ainda porque se esquecera de pôr a carta no correio.

Escondeu-se debaixo da cama e foi um verdadeiro martírio encontrá-lo e maior ainda convencê-lo de que afinal fizera bem em ter-se esquecido...

Vejam agora os patrões, para evitar precalços destes, se merece ou não a pena não se esquecerem nunca de dar os bons dias aos seus empregados.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PRECAUÇÕES NECESSÁRIAS

ATENÇÃO, TRABALHADORES!

Um dos deveres humanos mais imperiosos é o de defender a saúde contra as doenças, desastre e demais perigos de vida.

Contra muitas doenças já hoje existem remédios eficazes, e muitos preventivos. As vacinas são um meio de evitar certas doenças, meios úteis que não devemos desprezar.

Dizia-nos, há tempos, um grande cientista cristão, que a todos incumbe a obrigação de fazer a maior propaganda no sentido de levar a população a vacinar-se contra certas doenças infecciosas. Infelizmente, só nos lembramos de Santa Bárbara quando troveja!

É o caso do tifo. Existe uma vacina eficaz contra esta terrível doença que, quando não mata, deixa sempre mazelas e leva muito tempo a curar.

Existem focos de tifo em várias regiões do país. Porque havemos de esperar?

Vacinemo-nos contra o tifo, e levemos os nossos parentes e amigos a fazer o mesmo. Cuidaremos assim do bem comum.

Entretanto, tomemos as precauções do uso: só beber água fervida, evitar as saladas cruas, desinfectar as mãos quando tratarmos doentes com tifo.

É um dever cuidar da saúde!

PALAVRAS AUTORIZADAS

«Quereríamos abster-nos de qualificar o procedimento prático de certos defensores do direito de propriedade. Pela sua maneira de interpretar o respeito e o uso que lhe são devidos, conseguem, melhor do que os adversários da propriedade, abalar esta instituição natural indispensável à vida dos homens e da família».

(PIO XII, 7 de Março de 1948)

ESTE JORNAL FOI COMPOSTO E IMPRESSO NA GRÁFICA BOA NOVA, LDA. R. MORAIS SOARES 5-A a 5-D // LISBOA

Declarações dos Cardeais e Arcebispos de França

SOBRE A SITUAÇÃO GERAL DESSE PAÍS NA HORA PRESENTE

De vários sectores de opinião, emergem de quando em quando certas vozes, que passam por autorizadas, para negar à Igreja católica, e até àqueles indivíduos particulares que lhe são mais dedicados, o direito de se pronunciarem sobre os problemas de ordem social e económica, que afinal condicionam a própria vida moral dos povos.

E o mais extraordinário ainda é que essas mesmas vozes se apresentam, por vezes, falando em nome da própria cristandade, duvidando nós de que para isso tenham procuração. Apesar, porém, de se lhe querer negar aquele direito, reivindicando-o a Igreja, e fala sobre tais problemas, já de Roma, sua sede venerável, já através dos seus representantes mais categorizados em diversos países. E aqueles indivíduos que apreciam devidamente os seus ensinamentos, quardam-nos pelo menos respeitosamente no fundo dos seus corações se não tem possibilidade de os pôr em prática.

Aliás, as opiniões e directivas emanadas de tais fontes, têm-se manifestado tão acertadas e tão profundamente humanas que podem servir de norma às sociedades mais bem organizadas ainda que não constituídas ùnicamente por cristãos.

Sobre as precárias condições de vida das populações atingidas pelos efeitos da guerra e sobre a conduta necessária para melhorar essas condições falaram, na sua reunião de 4 de Março último, os cardeais e arcebispos de França.

Transcrevemos a seguir a sua declaração:

Quando das greves de Novembro passado, os bispos de França foram unânimes em exprimir as suas simpatias pelos trabalhadores, desorientados e atormentados pelas paixões que então se desencadearam.

Conhecendo qual é o sofrimento quotidiano das classes trabalhadoras no seio duma economia desregrada, afirmaram que é um direito para toda a família encontrar na remuneração do seu trabalho os meios de assegurar decentemente a alimentação e a vida. Hoje diante da alta crescente dos preços a Assembleia dos Cardeais e Arcebispos verifica com angústia que os meios de vida da maioria são ainda mais insuficientes do que naquele mês.

Em tal conjuntura, o dever dos bispos é conjurar todos os responsáveis da ordem económica e social, poderes públicos, organizações patronais e operárias, agricultores e comerciantes, para que se debrucem sobre estes problemas longe de todo o espírito de rivalidade e mesmo de prestígio. É de todo evidente que nos debateremos numa crise sem solução, se não consentirem nos sacrifícios indispensáveis aqueles que estão em condições de os fazer e se os franceses se não convencerem de que o primeiro remédio para os nossos males é, da parte de todos, o trabalho afincado, criador duma produção aumentada e o regresso rápido às regras duma rigorosa moralidade.

Apesar da sua grande importância, a questão dos salários não é a única que está em causa.

É com efeito em vão que se multiplicam os sinais monetários se não houver ao mesmo tempo a preocupação de aumentar as riquezas disponíveis e de assegurar a sua equitativa repartição. Esta repartição equitativa é necessàriamente contrariada por todos aqueles que se recusam a ver, seja o que for, para lá dos seus interesses egoistas.

Num tempo de penúria como o nosso, aquele que alargar sem medida a margem dos seus lucros, concorre para o aviltamento da moeda e a ruína do país; aquele que pretende assegurar o futuro acumulando mercadorias que não lhe são indispensáveis e guardando avaramente os seus «stocks» condena à miséria um grande número dos seus compatriotas; aquele que nada quer sacrificar dos seus hábitos dos tempos de prosperidade e continua a levar uma vida larga, não goza do que é supérfluo senão tirando aos infelizes o necessário.

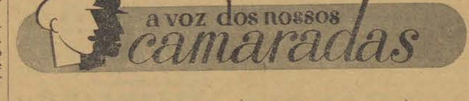
Que cada um tenha o cuidado do justo preço, a preocupação de lançar no mercado todos os bens de consumo de que disponha, a vontade de se dar à simplicidade de vida que as circunstâncias presentes exigem: será isto o melhor meio de quebrar enfim o círculo de ferro em que se debate a nossa economia e de facilitar às massas trabalhadoras o bem-estar a que têm direito.

A situação digna de dó dos velhos, pessoas de pequenos rendimentos e reformados

Não é dever menos imperioso para a Assembleia dos cardeais e arcebispos chamar a atenção da nação para a sorte daqueles que agora se chamam os «economicamente fracos»: velhos, pessoas de pequenos rendimentos e reformados são inevitàvelmente as vítimas de todas as perturbações económicas e financeiras de que sofremos; encontram-se desarmados na luta pela vida, eles que durante toda a sua existência penaram para assegurar a vida e a independência nos seus últimas dias. Não os abandonar à miséria e ao desespero, não é apenas uma obrigação de caridade mas um dever de justiça. Pedimos ao Estado e às organizações patronais que tomem disso, cada vez mais perfeita consciência.

Dificuldades da classe média

Cada vez mais dolorosa são também para a classe média as dificuldades que se multiplicam, muitas vezes cuidadosamente encobertas. As famílias destas classes, das quais muitas são profundamente cristãs e que deram à Igreja tantas provas da sua dedicação e da sua generosidade em tempos mais fáceis, a Assembleia exprime igualmente a sua simpatia. Possam as tradições que lhe fizeram a sua força e o seu orgulho ajudá-las a suportar a provação presente e a manter confiança no futuro.



Sabendo que uma das mais graves chagas infernais de que sofre o mundo do trabalho é o amadorismo, a profissão de recurso, a incompetência profissional, é com gosto que incluímos nesta secção a carta que a seguir transcrevemos:

Em defesa dos enfermeiros

O exercício ilegal da profissão de enfermeiro é assunto tão velho como debatido. A ele se têm referido alguns jornais e alguma coisa se tem tentado fazer para o reprimir, mas nada ou quase nada se tem conseguido! Vai decorrido cerca de um ano que o «Diário Popular», numa entrevista com o então presidente da Comissão Administrativa do Sindicato Nacional do Pessoal de Enfermagem, dizia que o exercício ilegal da profissão seria em grande parte reprimido com a concessão da carteira profissional. Ora acresce a circunstância que a referida carteira já foi concedida há alguns meses, facto com que os enfermeiros rejubilaram, pois depositaram nesse documento toda a sua esperança. Mas decorridos cerca de cinco meses desde a publicação do diploma que concedeu a supracitada carteira, vemos com bastante mágua que as coisas continuam positivamente na mesma. Os curiosos subsistem e continuam fazendo tudo quanto lhes apraz e, — o que é pior ainda — é que alguns se escudam no consentimento tácito de alguns médicos!

A engrossar o número sempre crescente de curiosos e pseudo-enfermeiros estão sem dúvida os ajudantes de farmácia e até alguns farmacêuticos, não obstante saberem por uma circular do seu Sindicato que lhes é proibido fazer nas farmácias quaisquer tratamentos, salvo os casos de reconhecida e comprovada urgência». Mas, como não há quem fiscalize e os doentes continuam a ver neles os tais *entendidos*, as coisas prometem eternizar-se, a não ser que o Sindicato Nacional do Pessoal de Enfermagem, ou talvez melhor ainda, o Instituto Nacional do Trabalho, tome sobre si o encargo dessa fiscalização.

Nós todos os dias temos conhecimento de vários casos de exercício ilegal da profissão, mas decerto que não é a nós que compete reprimi-los. Para tal falta-nos autoridade legal. Limitamo-nos, portanto, a registar estes factos com manifesto desagrado, até que a almejada fiscalização parta de quem de direito.

F. M. R.»

O amadorismo nesta profissão, também chamado charlatanismo, representa não só um prejuízo para os profissionais da enfermagem, mas ainda um perigo grave e constante para a saúde dos que a tais indivíduos recorrem para receber tratamentos, que são por vezes de grande responsabilidade.

Trata-se, portanto, duma questão grave, para a qual é lícito esperar solução tão urgente como eficaz.

«O TRABALHADOR» É VENDIDO EM:

— Alenquer, por *D. Cacilda Granada*
— Amadora, por *Joaquim Catarino*
— Azambuja, por *António Fernando*
— Barreiro, na *Tabacaria Internacional*
— Braço de Prata, por *José J. Capucho*
— Cacém, por *Alfredo da Cruz*
— Cacilhas, por *Domingos Ferreira Matoso*
— Carcavelos, por *Carlos Augusto de Oliveira*
— Carregado, por *A. Violante*
— Carregal do Sal, por *António J. Fernandes, Filho*
— Cascais, por *Duarte & Messias*
— Castelo Branco, por *José Vidal Sestay*
— Costendo, por *António Martins Araújo*

APRENDER A SABER QUERER

SECÇÃO DIRIGIDA POR CÉSAR

Já depois de encerrado o concurso de quadras, surgiu um retardatário com duas quadras, por sinal excelentes. Atendendo ao valor das duas quadras e até porque só no próximo número começaremos a apreciação do concurso e a publicação das melhores produções, resolvemos admiti-las.

Queixam-se alguns leitores de que não respondemos às cartas que nos enviam.

Tenham paciência os queixosos porque o espaço da secção não é muito elástico e nem sempre nos é possível regular e equilibrar o que sai.

Responda se sabe

(...e se não sabe leia um dos próximos números).

1) Sabe qual é o maior inimigo do elefante?
2) Que é quartzo e para que serve? E galena?
3) Que diferença haverá entre um mineral cristalino e um amorfo.
4) Como se verifica se um mineral é mais duro que outro?
5) Será possível cortar vidro com uma tesoura vulgar?

Respostas ao n.º 14

1) O bicarbonato eleva para 120 graus o ponto de ebulição, daí o seu emprego, embora prejudicial, na cozedura do grão de bico e de outras graduras.

Há substâncias que elevam a muito mais o ponto de ebulição, mas não se podem utilizar na comida.

2) Afasia é uma amnésia parcial que se caracteriza pela impotência de falar; provém ora do esquecimento dos sinais vocais (perda da memória auditiva ou surdez verbal) ora do esquecimento da coordenação dos movimentos necessários para articular as palavras (afasia motriz).

A *agrafia* é a amnésia dos sinais gráficos: pode ter duas formas: não poder ler, e chama-se cequeira verbal: ou não poder escrever, e é agrafia motriz.

2) A medicina chinesa da antiguidade, que recorria largamente às plantas para os tratamentos, possui receitas ainda hoje valiosas. Se há numerosos estudantes chineses na Faculdades de Medicina ocidentais, há também, por outro lado médicos da Europa e da América a estudar na China as receitas médicas antigas e o valor terapêutico das ervas medicinais. E basta citar a descoberta da «efedrina», que provém da destilação da planta denominada «Ma Huang» cuja eficácia era já conhecida na China há 4.000 anos. Hoje, a efedrina é utilizada na medicina moderna para o tratamento das afecções do nariz, da garganta e dos pulmões.

3) *Epicurismo* sistema moral do filósofo grego Epicuro.

O que realça a verdade aos olhos de Epicuro não é ser verdadeiro, mas útil; o fim da sua filosofia é a felicidade que ele faz consistir na alma e serenidade do espírito.

Para ele todo o conhecimento vem da sensação, ou seja, da impressão que em nós produzem os objectos externos.

É a teoria das *ideias* — imagens, segundo a qual os objectos emitem sem cessar, e em todas as direcções, pequenas imagens de si mesmos que em virtude da sua extrema tenuidade penetram no cérebro e nele imprimem a sua semelhança, dando-nos a conhecer o prazer ou a dar que os objectos nos causam.

Uma frase de Epicuro: Ainda que o acaso o prove com as maiores calamidades como são a doença, a tortura, o sábio sente-se livre, independente e feliz; porque pode evitar todas estas desgraças por meio de um movimento livre para um ou outro lado.

Respostas ao n.º 15

1) Os habitantes de Jerusalém chamam-se *hierosolimitanos*.

2) *Ónibus* ou *bus* é corrução de *omnibus* palavra latina que significa *para todos* (dativo do plural de *omnis* que quer dizer *todo* e *qualquer*). Daí o sentido colectivo da palavra.

3) O comprimento do nosso intestino é de cerca de dez metros.

4) Foi porque os primeiros povoadores deste Arquipélago confundiram com os açores os muitos milhafres que ali havia. Como se sabe o açor é uma ave muito parecida com o milhafre e é até da mesma família.

5) Holotúria é um animal marinho. Rorcual é uma espécie da baleia. Como é sabido a baleia é um cetáceo. Os cetáceos dividem-se em odontocetos (cetáceos com dentes) e mistacocetos.

São odontocetos, a marsopa, o golfinho, a beluga, a arca, o caldeirão, o narval, o boto e o cachalote.

A baleia é um mistacoceto. Por seu turno a baleia pode ser azul, rorcual, atlântica, ártica e gubarte.

6) *Alexia* é a impossibilidade patológica de ler. Pessoas que sabiam ler, devido a qualquer doença no cérebro, perderam, dum momento para o outro, a faculdade de associarem às palavras que vêem a mínima noção.

7) A angina do peito é doença de coração de grande sofrimento, causada por deficiência da irrigação sanguínea deste órgão. Parece paradoxal que, passando pelo coração todo o sangue que o organismo necessita, ele possa não ter o necessário para o seu constante trabalho.

Na realidade, o coração tem um sistema de irrigação próprio, constituído por duas artérias que o alimentam, denominadas *artérias coronárias*, e, se estas não deixarem passar o sangue em quantidade suficiente, há perturbações do seu funcionamento com dores, como sucede a qualquer músculo a que se exige trabalho, desde que não seja irrigado convenientemente. Mas, enquanto nos outros músculos do corpo podemos defender-nos da dor com a sua imobilização, no coração isso não é possível, visto que, além dos seus movimentos serem independentes da nossa vontade, a paragem representaria a morte.

Pode haver dificuldade na irrigação do coração por as coronárias se apresentarem doentes, geralmente esclerosadas, ou por o seu calibre se diminuir devido a espasmos. Desaparecendo estes, a artéria volta ao seu calibre normal. Neste último caso, ainda que as crises apresentem por vezes as mesmas características dos causados por obstrução ou esclerose das artérias, é menor a gravidade, pois fazendo desaparecer o espasmo, conhecendo a sua causa, o doente fica curado.

Se quer sorrir...

O professor de medicina pergunta a um enfermo que se queixa do peito:
— O senhor que ofício tem?
— Músico, meu senhor.
O professor volta-se para os discípulos e diz-lhes: «Ora aqui têm os meninos o que tantas vezes já lhes tenho dito: que os esforços exigidos pela acção de soprar um instrumento de vento é a causa mais frequente de afecções pulmonares».

E voltando-se de novo para o paciente pergunta ainda: — E que instrumento toca?
— Bombo, meu senhor.

* * *

— Meu caro, quando digo asneira sou o primeiro a rir-me dela.
— Então que vida alegre o meu amigo deve passar...

* * *

— A mãe dando um bolo ao Zézinho: — Então como se diz?
— Mãe, outro.

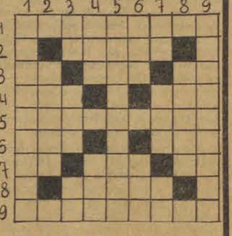
* * *

Calino mandou abrir um poço numa de suas propriedades.
— Onde havemos de deitar a terra que extraímos? — perguntaram os operários.
E Calino cheio de importância: — Façam outro poço ao lado e deitem-na dentro.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 17

(Enviado por «Manuel Moreno»)



HORIZONTAIS: 1 — Aperitivo. 2 — Reunir num todo (ant.). 3 — Palavra expletiva usada em reforço do pronome da primeira pessoa; abreviatura, nota musical (forma antiga). 4 — ministro da religião maometana; sensibilidade especial dos animais. 5 — Género de plantas herbáceas. 6 — Interjeição para animar; abreviatura usada nos decretos. 7 — Sadia; chegar; grito de dor e alegria. 8 — Cidade da Itália. 9 — Vigiado.

VERTICAIS: 1 — Movimento regular dos órgãos. 2 — Alvenaria dentada no alto da torre duma cidadela. 3 — Nota musical; nome de uma letra portuguesa; divindade mitológica. 4 — Caminho; elemento proclítico que entra no nome de algumas aldeias. 5 — Que mata cobras. 6 — Pronome; cai precipitadamente. 7 — Pôr-se em movimento dum lugar para outro; plainície; forma antiga de artigo e preposição. 8 — Mãe de água. 9 — Que tem oito colunas.

Solução do problema n.º 14

HORIZONTAIS: 1 — Assolapar. 2 — Laicidade. 3 — Ubá; arnês. 4 — Cómoro; rs. 5 — Item; sina. 6 — Na; ir; mal. 7 — Adites; R. T. 8 — Docimasia. 9 — Asareidas.

VERTICAIS: 1 — Alucinada. 2 — Sabotados. 3 — Siame; iça. 4 — Oc; omitir. 5 — Liar; reme. 6 — Adros; Sai. 7 — Pan; im; S. D. 8 — Adernaria. 9 — Ressaltas.

Solução do problema n.º 15

HORIZONTAIS: 1 — Retrogadar. 2 — Afear; Anete. 3 — Delega; ulem. 4 — Ibo; análise. 5 — ÓÓ; animaram. 6 — Afilara. 7 — Repicara; Dr. 8 — Atinara; peã. 9 — Mata; ansiar. 10 — Aparo; teada. 11 — Samarreiros.

VERTICAIS: 1 — Radiogramas. 2 — Efebo; étapa. 3 — Telo; apitam. 4 — Rae; afinara. 5 — Orgânica; or. 6 — Anilara. 7 — Rã; Amarante. 8 — Anulara; sei. 9 — Delira; piar. 10 — Atesa; Deado. 11 — Rememoraras.

Correspondência

Jaime de Morais — Não sabia que *Latinema* fosse Estoril, porque a minha geografia não chega a tanto... ou se quiser, sem depreciação de espécie alguma, a tão pouco. Daí a minha confusão supondo que se tratava de pseudónimo.

A sua carta confirma a minha apreciação, no concurso. Então o meu amigo, responde a um concurso, maquinalmente, reproduzindo apenas a opinião de outro.

Coimbra Editora costuma ser o depositário dos livros do autor em questão.

Quanto aos «Maias», se não tinha ou não tem mais nenhum livro de Eça, com certeza será esse o melhor. Mas qualquer livro de Eça é melhor que os «Maias».

Pondo de parte o aspecto moral, sob o qual é condenável, em absoluto, literàriamente é um aborto, desiquilibrado quanto ao conjunto, mas admirável pelas descrições da sociedade lisboeta. Como romance é uma péssima exemplificação.

E agora permita-me que transcreva a sua opinião a respeito dos nossos inquéritos e concursos:

E agora permita-me uma opinião: devem ter bastante cuidado na forma como vão fazer o novo inquérito. Nestas coisas creio que acontece o seguinte: A princípio toda a gente desconfia das perguntas e responde torto. Depois, adquirido o hábito, todos (ou quase) levam o caso para a brincadeira e responde torto ou não ligam nenhuma; esta última coisa é o que está acontecendo com o Instituto Gallup e outros, que fazem tantos inquéritos «à opinião pública» que já nem sabem a quantas andam...

Nós (os que fazemos «O Trabalhador», portanto eu também), sabemos muito bem a quantas andamos.

E quanto aos leitores, eles que levantem a luva se lhes interessar.

Já agora, para terminar permita-me que retribua o abraço que me envia, mas só o aceito se me explicar o que entende pela expressão «leitor independente de «O Trabalhador».

—©—

No número 20 daremos o quadro de honra dos solucionistas e produtores mais categorizados de «O Trabalhador».

Electro Império

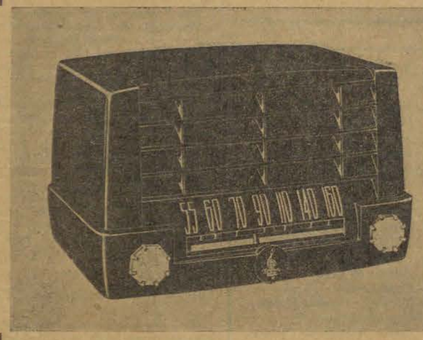
apresenta:

Cabo armado — Cabo anthygron
Tubo de aço — Fio de chumbo
Fio esmaltado — Contadores
D i s j u n t o r e s

para entrega imediata

Poço do Borratém, 33 // Telefone 24525 // LISBOA

Emerson Radio



MODELO 547 — O MAIS POPULAR NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE

Modelos populares desde 925$00. — A pronto e a prestações. — À venda em todas as boas casas.

3.º PORTUGAL-ESPANHA EM BASQUETEBOL

(Continuação da 3.ª página)

Na defesa, foram apuradíssimos: no ataque, o «score» fala por eles; na rápida mudança de táctica, no *balanço* da defesa para o ataque — os espanhóis mostraram-se simplesmente desconcertantes.

As suas desmarcações primorosas bateram quase sempre uma defesa, que raramente procurou, nas antecipações, como devia, neutralizar o sentido incisivo dos futuros olímpicos da nação vizinha.

* * *

Muitas vezes, muitas mesmo, os portugueses lograram atirar a bola ao arco ou à tabela. Como que obedecendo a caprichos da sorte... o sféreo fazia «negaças» ao cesto — e não entrava no «buraco»...

De cada vez que isso sucedia, ouvia-se na sala um sussurro: Azar...

Infelizmente não foi azar. Era pouca sorte de mais — falharem-se tantas possibilidades de «cestas»...

«Aquilo» foi apenas insuficiência — que urge combater, porque o objectivo do jogo é, afinal, o «encestamento».

É essa falta de talento nos lances finais — que, para além das exibições das equipas, torna possíveis resultados de 52-27!

Cremos até que, no dia em que os portugueses conseguirem apurar a marcação de «cestas» — e para isso nada mais é preciso que treinos —não mais veremos qualquer equipa estrangeira fazer alarde de tanta superioridade...

É principalmente neste ponto que os nossos técnicos devem insistir. A palavra de ordem, com origem na lição dos espanhóis, não pode ser outra

Os esquemas de jogo, a condição física dos atletas, o domínio de bola, as desmarcações, o sentido de defesa, a mudança rápida da defesa para o ataque e vice-versa, são, evidentemente, pormenores a apurar — se queremos realmente progredir.

Mas, repetimos, no adestramento na marcação de «cestas» — e isto já envolve o apuramento de quase todos os pormenores referidos — é que principalmente deve incidir o trabalho dos responsáveis pelo basquetebol português.

Responsáveis que se felicitam, sem esforço, pelo muito que fizeram já por uma modalidade «enteada» — e pelo muito que se espera da sua dedicação ao emocionante desporto.

* * *

E venham mais espanhóis, mais brasileiros. E venham americanos, franceses, belgas e suíços.

Que a classe no desporto forja-se quase sempre à custa das derrotas dolorosas!

J. I.

VARIEDADES

Graça infantil

A mãe:
— Minha querida filhinha! Que farias tu se eu morresse?
A filha:
— Comia o açúcar todo.
— Que estás a olhar? Come a sopa, anda...
— Ela não presta...
— Não presta? Um dia pode vir em que desejes e a não tenhas!
— Então guarde-a para esse dia.

De quem é a culpa?

O professor duma escola verificou que era muito frequente as crianças chegarem atrasadas. Isto desgostou-o e resolveu castigar severamente os retardatários. Inùtilmente! Os pobres pequenos continuaram a chegar tarde; e declararam que não tinham culpa do atrazo.

O professor lembrou-se então de averiguar porque motivo as crianças não eram pontuais. E ficou sabendo que, em 45 casos, a mãe tinha preparado o primeiro almoço muito tarde; para chegar a tempo, as crianças teriam de ir para a escola com o estômago vazio; algumas chegaram a fazer a experiência, mas a fome torturou-as e acharam preferível chegar tarde, a sofrer, por conseguinte, o castigo do professor.

Em 14 casos a mãe tinha-se esquecido de acertar o relógio.

Entre as pequenitas, 20 tinham chegado tarde por ajudarem a mãe nos trabalhos domésticos. A irregularidade dos transportes e o mau tempo tinham ocasionado 25 atrazos.

Em conclusão: A culpa não era das crianças mas, quase sempre, das mães.

(De «Os Nossos Filhos»)

Caldo de tapioca

Deitam-se de molho, em água fria, de um dia para o outro, 15 grs. de tapioca. Na altura de se fazer o caldo, põe-se ao lume, numa caçarola, 3 decilitros de líquido — que pode ser só água, só leite, ou água e leite em partes iguais — temperado com sal e açúcar a gosto, um pedaço de casca de limão muito fina, e a tapioca devidamente escorrida. Deixa-se levantar fervura em lume brando, mexendo de quando em vez para não pegar; quando levante fervura retira-se a casca de limão, e deixa-se cozer a tapioca durante 15 minutos. Passado este tempo retira-se do lume, deixa-se esfriar um pouco, junta-se-lhe uma gema de ovo batida, e volta tudo ao lume para cozer a gema. Serve-se em seguida. É um óptimo primeiro almoço.

Caldo de Flocos de Aveia

Continuamos a insistir nos flocos de aveia como alimento ideal.

Se mandar o seu filho para a escola ou para o trabalho com um prato de flocos de aveia «no papo» — verá como ele medra apesar do trabalho.

O caldo ou «papa» de flocos de aveia é o prato nacional da Inglaterra e mais especialmente da Escócia. Chamam-lhe o «poeridge» — o ideal para as idades entre os 2 e os 22 e muito apreciado também pelos mais velhos. É um prato muito barato e, muito alimentício.

Os flocos põem-se de molho de véspera. À água (que deve ser o suficiente apenas para ensopar) junta-se de manhã leite suficiente para deixar cozer os flocos.

Junta-se uma casquinha de limão e põe-se ao lume até cozer e ficar uma papa não peganhenta. Tira-se do lume para o prato de sopa, misturando um pouco de manteiga e polvilhando de açúcar.

Gargarejo

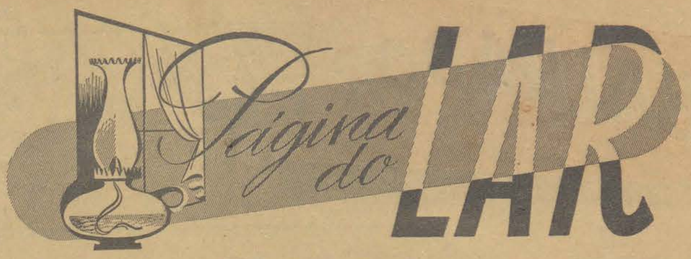
A receita deste gargarejo é muito forte mas muito boa contra as dores de garganta. É venenosa e não se deve dar a crianças mas é o ideal para quem não tenha tempo para andar doente e andando com anginas, se queira curar depressa:

Ácido fénico	10	gr.
Água destilada	100	»
Tintura de iodo	10	»
Álcool puro	10	»

(Esta receita manda-se aviar na drogaria).

O líquido tem uma cor acastanhada que vai perdendo com o tempo, mas que perderá mais lentamente se guardado num frasco escuro.

Deitam-se uns pingos num copo com água bastante quente e gargareja-se quatro ou cinco vezes com a mistura. É remédio santo!



Página do LAR

MULHER...

A verdadeira dignidade da mulher é ser bem mulher e não simulacro, caricatura masculinizada do ente feminino. Um grande escritor francês, Léon Bloy, dizia isto mesmo noutros termos. Dizia: *«A mulher é tanto mais santa quanto mais é mulher»*.

A mulher é por natureza dadora de vida. Distingue-a a sua capacidade de amor, de sacrifício, de doação, de partilha do seu ser. A mulher não quer pertencer a si própria. A sua vocação é entregar-se a alguém que a estime e ampare — sim! — mas sobretudo a quem ela possa servir, a quem possa dar nova vida pelo seu amor.

Assim, *a mulher só é feliz* quando lhe é dado partilhar com outros a sua vida e gastá-la em serviço dos seus — por amor deles;

Só é feliz quando pode exercer a sua missão de verdadeira dispensadora e animadora de vida por amor;

Só é feliz quando lhe consintam falar apenas através do silêncio e da mansidão e quando assim saiba por amor animar tudo à sua volta de esperança e fé;

Só é feliz, em suma, quando no seu amor encontra razão para suportar tudo quanto os anos tragam, com paciência, alegria e fortaleza;

e ainda, quando não tenha de lutar pelo seu lugar ao lado do homem na família e na sociedade, quando não tenha de impor a sua missão de educadora e fiel guardiã da vida, mas quando aconteça curvar-se ela para receber a sua coroa de rainha — de Rainha pelo amor.

Uma expressão antiga! mas que doçura no olhar, que dignidade no porte...

É a título de dadora de vida e dispensadora de alegria e paz que a mulher é venerada. É a sua missão de educadora e vivificadora das almas que é a sua glória. É toda a largueza do amor e toda a profundidade do sacrifício que esta missão exige que é sua coroa.

Sim! — é pelo amor e pelo sacrifício que a mulher é Rainha.

O arremedo moderno de mulher independente e orgulhosa que procura eximir-se aos encargos, mesmo os da sua família, não traz felicidade a ninguém, pode distrair muitos, mas nenhum torna feliz. E depois, quando a mulher não dá felicidade aos que a rodeiam é duplamente infeliz—por si e pelos outros. É assim a sua natureza.

Procura então enganar-se a si e aos outros (àqueles que possivelmente teriam contribuido para estancar nela a fonte de amor...) por uma alegria ruidosa e pela busca de distracções; ou então finge-se superior ao sentimento, igual ao homem. Mas não engana ninguém! E então, a sua infelicidade cada dia se torna mais patente e o seu egoismo também.

APROVEITEM O TEMPO

Houve quem percorresse cidades e aldeias a estudar como as mulheres trabalhavam — se sabiam ou não aproveitar o seu tempo.

Uma coisa em que repararam foi que raramente as mulheres se lembravam que tinham duas mãos *para trabalhar*. Em geral só uma trabalha e outra apenas segura as coisas ou serve de encosto.

Por exemplo: vê-se tantas vezes uma mulher a dar lustro ao chão com uma só mão, enquanto se apoia sobre a outra! Se tiver um pano em cada mão e esfregar com as duas o trabalho faz-se muito mais depressa.

Outro exemplo: reparemos como algumas senhoras tiram um copo e um prato do armário. Vejam: com a mão direita tiram o copo e passam-no para a outra mão.

Depois tiram novamente com a mão direita o prato! Se se lembrar de tirar, ao mesmo tempo, o copo e o prato com as duas mãos terá poupado um movimento escusado que, somado a outros, também escusados, atrazaria o fim da sua tarefa.

Outro exemplo: porque vai da casa de jantar para a cosinha três ou quatro vezes a acarretar a louça suja, peça por peça, e não arranja uma bandeja para levar tudo de uma vez só?

E porque não pensa duas vezes antes de levar os espanadores, vassouras e panos de pó para limpar o quarto, procurando se esqueceu a pá ou o pano de limpar os vidros ou outra qualquer coisa? Se se esquece dessas pequeninas coisas — são passos perdidos a andar para traz e para diante a buscá-las.

E ainda uma coisa: quando põe a mesa leve logo todos os talheres na mão — todas as facas e colheres na mão direita e todos os garfos na esquerda. Assim, é só preciso poisá-los em cada lugar, e poupam-se passos a andar de um lado para o outro à roda da mesa.

Ainda outra coisa: até na gaveta os talheres podem ser arrumados racionalmente de modo a poupar pequeninos instantes à dona de casa atarefada: as facas e as colheres estarão nos compartimentos da direita e os garfos nos da esquerda.

A propósito — a sua gaveta não terá compartimentos para separar os talheres?

Mas, minha Senhora, isso não pode ser!

Peça ao seu marido que lhe serre umas taboinhas e as pregue com uns pregoinhos — porque os talheres bem arrumados estragam-se menos e poupam muito tempo a quem lida com eles dia a dia.

«A MULHER QUE CUBRA A CABEÇA»

Dentro da sua missão de dispensadora de vida a mulher tem de ser a garantia mais forte de tudo o que é santo e puro na humanidade.

Por isso à mulher é exigida maior fidelidade em todas as coisas e, quando ela se perde — aí da família, aí da nação, aí dos povos!

Uma grande escritora moderna, Gertrudes v. Le Fort, num dos seus romances mais célebres avalia por boca de um dos seus personagens o lugar da mulher no mundo:

«Uma mulher deve estar oculta ou velada, não por ser mulher, mas pela sua honra, pois a fortaleza de um castelo conhece-se por os seus portais se encontrarem cerrados. A mulher é o último reduto de cada povo. Quando o homem cai na tentação, Deus castiga o homem; mas quando a mulher cai na tentação, então Deus castiga todo o povo».

Gertrudes v. Le Fort
(do romance «O Papa do Ghetto»)

O TRABALHO DAS MULHERES FORA DO LAR É INIMIGO DO LAR?

CORRESPONDE ELE ÀS ASPIRAÇÕES DA MULHER PORTUGUESA?

RESPONDE, LEITOR AMIGO, AO NOSSO INQUÉRITO SOBRE O TRABALHO DA MULHER

As melhores respostas serão premiadas e publicadas (mas só será publicado o nome da sua autora ou do seu autor se o próprio a tal nos autorizar). Todas as outras poderão ter prémio por sorteio.

RESPONDE JÁ!

O LAR É A MAIS PERFEITA ESCOLA DE VIRTUDES

BORDADOS

Já publicámos, há duas semanas, um desenho de uma flor campestre para bordar e hoje publicamos mais dois. O modelo dos pontos publicados no número anterior ficou ao contrário. Pedimos desculpa. Realmente, não se pode bordar pegando na agulha com a mão esquerda. Tenham as nossas leitoras, portanto,a paciência de voltar o jornal ao contrário e verão como se fazem os referidos pontos.

Publicamos hoje, ainda, umas ideas para aplicar os desenhos. Assim, mostramos como, mediante um pouco de imaginação, os motivos se juntam de modo a formar conjuntos muito bonitos.

CEBOLAS

Na semana passada, temos pena de o ter de confessar, as receitas dos pratos de cebola saíram tão gralhadas que nem é possível fazer as emendas sem publicar tudo de novo. Para não sermos forçados a esse desperdício de espaço, vimos pedir a benevolência das donas de casa que leram tanto disparate e se admiraram... de como seria possível, por exemplo, cobrir um prato com um pano (!) e deitar-lhe em seguida a manteiga!

Desculpem-nos! Procuraremos não repetir a graça e pedimos às nossas leitoras que cada uma para si, ponha um pouco de ordem naquelas receitas, conforme os seus conhecimentos de culinária.

Não nos enganámos, no entanto, numa coisa: a cebola é realmente um alimento muito bom mas geralmente desprezado e usado apenas como condimento.

S. O. S. AOS FILHOS

Quem fala de sua mãe fala do último reduto que conhece de amor, de um refúgio de ternura e bondade e pureza, de um ancoradouro firme de paz, de uma arca de esperança e fé que nada vence.

Amor de Mãe é amor que não passa. Amor à Mãe é amor que não passa — sem que o homem esqueça a sua dignidade de homem.

Filhos, não esqueçam que deixariam de ter direito ao título de homens se esquecessem o amor a vossa Mãe.

© Todos os direitos reservados

O TRABALHADOR
NO MUNDO DO TRABALHO

TRIBUNA OPERÁRIA

CONTINUAÇÃO DA 2.ª PÁGINA

Indústria de tanoaria

Prezado camarada João de Esmoriz:

Vejo que a sua carta publicada no número 13 de 10 de Abril corrente foi escrita com sinceridade. Mas, segundo os meus conhecimentos, devo — com o devido respeito — fazer-lhe alguns reparos.

É que a Indústria de Tanoaria não se tem desenvolvido nessa área, desde há 50 anos para cá. É certo que há mais de 50 anos, o falecido José da Sequeira, de Cortegaça, que é a mesma área, montou aí oficina digna do nome de Tanoaria, mas passados poucos anos retirou para as «Devezes», Gaia. Só mais tarde, muito mais tarde, veio do Brasil, o Almeida dos Castanheiros, o que montou armazém, para fazer exportação, e com tanoaria anexa e privativa. Sem sombra de dúvida, a Indústria de Tanoaria nessa região data de 1915 para cá. No auge da outra guerra, vieram — o que nunca devia ter acontecido — de Gaia para essa região, os milicianos com o intuito de vos explorar.

Agora usam de todos os processos de que podem lançar mão para fazer guerra a todos os operários e industriais de todos os centros do País.

A vossa e a nossa prosperidade está apenas, na organização da indústria em todo o País. Pugnai por ela. E seremos todos mais felizes.

JOSÉ DA CORTEGAÇA

Pensão de reforma dada pelos patrões

Merece-nos especial atenção tudo quanto representa bem-estar para os trabalhadores, e a pensão de reforma, dada por espontânea vontade dos patrões, assume lugar de grande importância no nosso espírito, como não podia deixar de ser.

Que bons exemplos espontâneos da parte dos patrões de boa-vontade em darem aos antigos operários pensões de reforma que os livre da miséria, no momento em que já não podem prestar os seus serviços à Sociedade!

O Estado não pode fazer tudo e a iniciativa particular deve ir ao encontro das suas realizações em todos os campos da actividade social. Ninguém de boa fé pode contestar a bem orientada legislação sobre a protecção aos trabalhadores e suas famílias, e se nem todos os trabalhadores de hoje gozam da protecção do Estatuto do Trabalho Nacional, é pura e simplesmente por suas culpas, usando de todos os meios para fugirem a um pequeno desconto que lhes traz os melhores proveitos na vida futura e ainda porque se desinteressam de se associarem, não criando sindicatos das suas profissões.

Mas, retomando o fio do assunto que nos liga à pensão de reforma dos operários, é uma resolução espontânea que muito honra quem a pratica. Os patrões e as empresas que dão aos seus operários pensões de reforma aos 65 anos de idade, ou quando por qualquer motivo não podem continuar ao serviço, praticam um acto honroso, tirando à miséria e afastando da mendicidade aqueles corpos que, com outros, foram a grande massa produtora.

Todavia, em breve virão os dias em que todos os trabalhadores obterão a reforma, conquistada pelos seus descontos nos salários.

No entretanto, e de modo a honrar o trabalho nacional, a teoria seguida pelos patrões conscienciosos merece elogiosa referência, e oxalá que as boas-vontades e os espíritos condescendentes se não façam esperar, concorrendo com actividade para o bom êxito das relações entre dirigentes e dirigidos.

A. CARVALHO

«O TRABALHADOR»
VENDE-SE
— no Lumiar na *Tabacaria ARAÚJO*
— em Caldas da Rainha na *Tipografia CALDENSE*
— em Abrantes pelo Snr. *Rómulo Neto Lemos*
— em Águeda na *AGÊNCIA CONDE*
— em Alcanena pelo Snr. *Manuel dos Santos Coelho*
— em Alcobaça na firma *José Narciso da Costa Sucs*
— em Lisboa no *Quiosque de S. Paulo*

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

3 meses . . 12$50
6 meses . . 25$00
1 ano . . . . 50$00

Pagamento adiantado. Como «O Trabalhador» não fará cobrança das suas assinaturas, pelo correio, só enviaremos o jornal a quem nos remeter a importância respectiva em vale do correio ou por qualquer outra forma prática.

MORAL E CIVILIZAÇÃO

(Continuação da 1.ª página)

A moral cristã foi considerada um fardo insuportável.

Simplesmente, a moral cristã foi durante muitos séculos a essência duma civilização cristã e uma civilização nova só poderia fazer-se criando uma moral nova.

Se se quer, pois, ter uma civilização e se não tem razão ou coragem para criar uma moral nova, aceite-se de novo a moral cristã para que possa florescer de novo uma civilização cristã, desigual da que anda por aí na boca de toda a gente.

A. M.

Fábrica Triunfo de Coimbra

Por notícias chegadas à nossa Redacção, tomamos conhecimento que a Ex.ma Gerência das Fábricas Triunfo, de Coimbra, estudando com o nosso Delegado as razões que nos levaram a publicar, em Fevereiro, uma crítica à sua secção de bolachas, resolveu, depois de bem ponderadas todas as coisas, elevar de 10 % os salários de todo o pessoal daquela secção e promover a categoria de alguns deles.

Damos esta notícia devidamente autorizados pela Ex.ma Gerência.

Os nossos comovidos agradecimentos à Ex.ma Gerência das Fábricas

O melhor caminho
PARA V. Exa. SE TORNAR
UM BOM GUARDA LIVROS
SEM SAIR DE SUA CASA

CORTAR E REMETER SEM DEMORA ESTE CUPÃO
ENVIAR 2$00 EM SELOS, PARA PORTE E DESPESAS

AO INSTITUTO LUSITANO DE COMÉRCIO
RUA DA PALMA, 164 - LISBOA - TELEF. 28034
QUEIRA ENVIAR-ME, GRÁTIS, O LIVRO "CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA"
NOME .....
MORADA COMPLETA .....
.....

Aprendamos economia

Por ABEL VARZIM

A PRODUÇÃO

Nada existe no mundo directamente utilizável pelo homem, a não ser o ar. Qualquer outro bem só poderá servir o homem depois de um esforço, maior ou menor, de transformação. A própria água tem de ser captada. Os frutos devem ser colhidos. Nada enfim poderá satisfazer as necessidades humanas se a intervenção do próprio homem as não tornar capazes de as satisfazer.

A produção é precisamente esta intervenção humana na transformação das coisas para as tornar *utilizáveis*, isto é, para a transformar em *bens* ou em riqueza.

Esta transformação requere o concurso de três factores: a *natureza*, o *trabalho*, e o *capital*.

O homem não é criador. Logo necessita, para produzir qualquer coisa, de matérias preexistentes fornecidas pela natureza. Portanto a natureza, fornecendo ao homem a matéria transformável, não é factor de produção senão passivamente. Sofre a transformação. Factor *passivo* da produção.

O trabalho é a actividade humana que faz «passar» ou «sofrer» à natureza as transformações necessárias para poder servir ao próprio homem. Como tal, o trabalho é o factor *activo, agente*, da produção.

O capital são os utensílios de que se servem os homens para mais rápida e perfeitamente transformarem a natureza. O capital é, portanto um factor *instrumental* da produção. Sendo utensílio, ele próprio é natureza transformada pelo trabalho. Exemplo: uma enxada é capital, como o é um serrote, um martelo, uma caldeira a vapor ou uma alavanca. Daqui se conclue que o capital é um factor *derivado* ou *secundário*, em oposição aos outros dois que são factores *primários* ou *originários*.

Fixemos então que, para produzir riquezas é necessário o concurso de dois factores primários (natureza e trabalho) e de um factor derivado dos dois anteriores: capital.

Estudemos cada um de per si.

A natureza: — Produzir é modificar a natureza. Mas o homem tem capacidade limitada de actuação sobre a natureza. Está, precisamente por causa desta sua limitação, condicionado no seu trabalho pela própria natureza. Nem em qualquer local ou sobre qualquer parcela da natureza pode o homem actuar.

Em primeiro lugar, para que o homem possa actuar, é necessário que possa viver. Exige-se portanto, antes de mais nada, um *clima* suportável. Ora nem todas as regiões do Globo possuem condições de vida normal para se produzir, pelo menos em escala que recompense o homem do seu esforço. Por isso este se aglomera nas regiões onde o clima é mais temperado.

Mas o clima não basta. O clima só tem valor económico em relação ao solo. De que serviria um clima de paraíso numa região cheia de penedos? O solo tem de ter condições adequadas à produção da alimentação do homem. E para isso, é necessário que haja florestas, prados, terras aráveis e cursos de água. Sem todas estas coisas a vida do homem é difícil, e a natureza não tem valor económico.

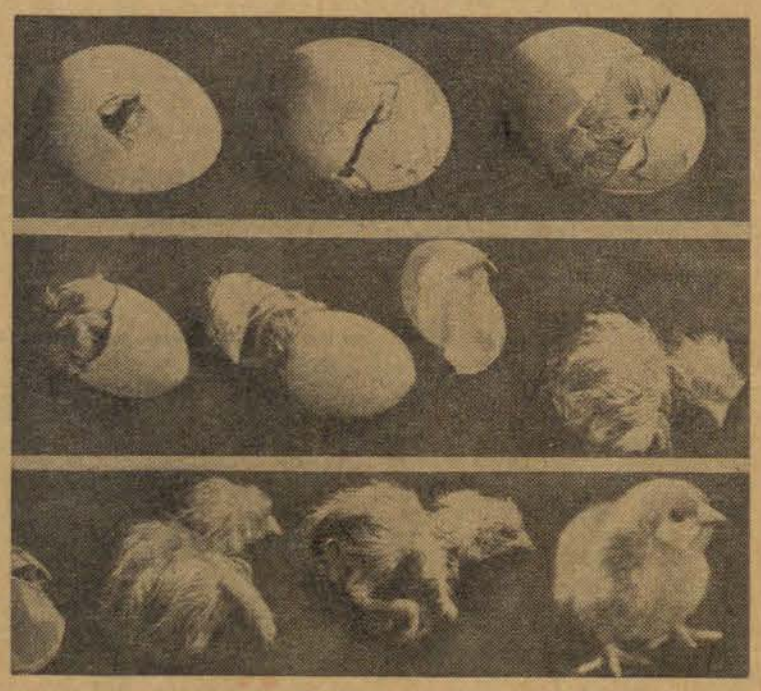
Além disso, se não existe sub-solo que possa fornecer ao homem a matéria prima, também não existem condições favoráveis.

É verdade que hoje, com os transportes, é fácil a troca de riquezas. Regiões existem com pobre subsolo que podem abrigar grandes massas humanas. Mas serão sempre pobres economicamente.

«Chegou já o tempo de abandonar o fraseado vazio e de se pensar, com a «Quadragesimo Anno», numa nova ordenação das forças produtivas do povo; isto é, que para além da destrinça em dadores e prestadores do trabalho, saibam os homens ver e reconhecer aquela mais alta unidade que liga entre si todos os que colaboram na produção; que esta solidariedade... se converta no fundamento de uma ordem económica melhor, de uma economia justa e sã. e abra às classes trabalhadoras o caminho para adquirirem honestamente a sua parte de responsabilidade na condução da economia nacional».

(PIO XII, Discurso de 11 de Março de 1945).

Um pintainho nasceu...



Para que um pintainho nasça veja o leitor as andanças por que passa.

Há quem diga que a determinante do nascimento de qualquer ser vivo é o esgotamento das reservas alimentares. O pintainho nasce porque, ou no momento preciso em que, do ovo apenas resta a casca.

E ele muito naturalmente se encarrega da libertação do inútil envólucro que lhe serviu de berço, na ânsia de respirar, de respirar, a plenos haustos, o oxigénio que lhe faltava na sua prisão.

Há quem atribua o nascimento dos pintainhos à curiosidade:

Cansados da monotonia do mundo em que viviam, procuram ver o que vai no outro (ou seja neste).

Vemo-lo na última étapa depois de trabalhos inenarráveis, olhar entre receoso e deslumbrado para tudo quanto o rodeia.

Entre «o abrir dum postigo» para o mundo e a última fase, em que nos aparece esbelto e emplumado a piar toda a sua alegria de ter nascido, que tragédia não representa a vida do pintainho!

E a propósito, permitam-nos os leitores uma pergunta capciosa: como serão os pintainhos que nascem dos ovos quadrados inventados pelos americanos?...

O EGOÍSMO É UMA DAS CALAMIDADES DA HORA PRESENTE